

“EL PASSO HONROSO” DE SUERO DE QUIÑONES.

Contribuição ao estudo do “outono da Idade Média” espanhola (*).

“Quando o mundo era meio milênio mais jovem, todos os acontecimentos tinham formas externas mais pronunciadas do que agora... Todo acontecimento, todo ato, estava rodeado de formas precisas e expressivas, e engastado num estilo vital rígido, mas elevado”. Este tom de vida que Huizinga, em seu livro “*O outono da Idade Média*”, explica como característico dos fins da idade medieval, embora referindo-se sempre à França e aos Países-Baixos, observa-se com idênticas características na Península Ibérica, no período de tempo compreendido, na Espanha, pelo governo dos Trastamaras. Esta época informe, cheia de contrastes, na qual os problemas capitais são a religião, a honra e o sangue, faz que os homens concedam a todos os acontecimentos cotidianos um esplendor, uma ostentação de cerimônia dionisiaca. “Os grandes senhores — prossegue Huizinga — jamais se punham em movimento sem uma pomposa exibição de armas e librés, infundindo respeito e inveja. A administração da justiça, a venda de mercadorias, os casamentos e enterros, tudo era anunciado ruidosamente por meio de cortejos, gritos, lamentações e música. O apaixonado traz a sigla de sua dama; o súdito ostenta as côres e armas do seu senhor” (1). Veremos, mais adiante, quando tratarmos destes aspectos nos sucessos particulares de Suero de Quiñones, como tudo isto, exposto por Huizinga, é confirmado por atas notariais. No *Journal d'un bourgeois de Paris* (2) poderá o leitor curioso ler uma grande quantidade de momentos transcendentais da vida medieval, com pormenores e toda espécie de minúcias em torno de acontecimentos

(*) — Texto espanhol traduzido por Ilydio Burgos Lopes.

(1). — J. Huizinga, *El otoño de la Edad Media*. Estudo das formas da vida e do espírito durante os séculos XIV e XV em França e nos Países-Baixos. 4a. ed. Revista de Occidente. Madri 1952. Pág. 11 e 12.

(2). — *Journal d'un bourgeois de Paris*, ed. A. Tuetey (*Publ. de la Soc. de l'histoire de Paris*. Doc. n. III), 1881, págs. 5-56.

individuais e coletivos dêste “outono” trágico da Idade Média. Penetrar pela imaginação todos os aspectos e escaninhos, fazer girar a roda dos acontecimentos dessa época, para focalizá-los com nossa retina por todos os ângulos, é tarefa que ocuparia tôdas as horas da nossa vida, tarefa complexa e difícil. Essa vida medieval de asperezas e de luxos, de miséria e ostentação, de crimes e arrependimentos, de duelos e danças, mostra-nos, passo a passo, o colorido com que a História se derrama através dos anos na exemplaridade dos seus recintos sagrados. Eram tempos em que tanto os soberanos como os mais humildes servos manifestavam suas emoções com lágrimas e risos, sem nunca tentarem ocultar o ódio ou a amizade. A vida ensejava continuamente todo gênero de fantasias. As côrtes eram palco de cerimônias apaixonadas, que duravam dias inteiros; cerimônias que passavam das maiores tentativas de refinamentos na poesia lírica às mais ardorosas belicosidades nos duelos, guerras e desafios. As crônicas, inumeráveis, dão a cada passo testemunho de tais acontecimentos da vida diária das côrtes e no meio do povo.

E’ preciso observar como a História se tem desenvolvido e alinhavado ao compasso da forjadura de individualidades, em todos os momentos e em qualquer época, até na presente. São poucos os instantes em que uma coletividade passa a ocupar o primeiro lugar num fato de transcendência histórica; é fenômeno que se produz, é verdade, mas em porcentagem mínima. E sempre surge, nessa coletividade, o indivíduo que a sintetiza, o homem que a encaminha e centraliza, que adquire e assume todos os poderes da coletividade. Aqui é que a História vai abeberar-se, procurar suas fontes. Quando não surge o herói, aparece o homem dotado de privilégios, seja por seus soberanos e príncipes, seja por essa massa popular que o arrasta, que dêle precisa, e sem o qual nada consegue. A política projeta-se no espírito e na psicologia das gentes encarnada em figuras individuais, que em momentos de extrema tensão espiritual, de formação criadora, chegam até a transpor as fronteiras da História para penetrar nas da Poesia, infiltrando-se de tal forma a realidade na ficção que chega o momento em que é quase impossível distinguir a História da Poesia. E’ o caso, no século XI, de Rodrigo Díaz de Vivar, o Cid Campeador (3). Os príncipes, guerreiros e políticos, em meio de emprêsas políticas friamente calculadas, “agem muitas vêzes com uma impetuosidade temerária, que põe em perigo sua vida e sua obra por um simples capricho pessoal” (4). O *Paso Honroso* que Suero de Quiñones,

(3). — Ramón Menéndez Pidal, *La epopeya castellana a través de la literatura española*. Espasa Calpe (Argentina) S. A. Buenos Aires. 1945. Págs. 75 ss., e *El Cid Campeador*. Col. Austral. Espasa Calpe S. A., Buenos Aires, 1950, págs. 17 ss.

(4). — J. Huizinga, *ob. cit.*, pág. 21.

nobre leonês, levou a cabo nas margens do Orbigo, não é outra coisa senão uma das tantas manifestações de tipo belicoso, com que nesta época se tratava de satisfazer um capricho de proveito pessoal, neste caso motivado pela escravidão amorosa a que misteriosa dama tinha submetido Suero de Quiñones, do que se tratará mais adiante.

E' esta uma época da História em que, por outro lado, o homem nada significa diante da morte, da mesma forma que o mundo que o rodeia nada significa. A vida é um esperar contínuo, no meio dessa barafunda de coisas que o mundo oferece, e só se vive pendente do final,

*contemplando
cómo se pasa la vida,
cómo se viene la muerte
tan callando.*

A morte é algo subjugador, algo que o homem medieval não pode afastar nem um instante da imaginação, e, embora à primeira vista pareça paradoxal, algo que êle busca e pelo que se ufana. E' um dos lugares comuns, que gira desde tempos já remotos, e que vem a ser uma constante obsessão para o homem pré-renascentista. "O homem antigo — observa Max Scheler — é como uma figura bordada com sêdas de côres várias, sôbre a qual construa os conteúdos particulares da sua vida, suas ações e suas obras, dentro da estrutura da totalidade de uma vida flutuante sempre diante de seus olhos". Que significa a morte para êste homem medieval? A morte é um *mal viento*, como diz o Arcipreste de Hita; um vento mau que nada respeita, nem sequer as boas ações. Chegada a hora de morrer, tudo se iguala:

A todos iguales e llevas por prez,

prossigue o Arcipreste. A mesma sorte correrão prelados, reis, papas,

*como (a) los pobres pastores
de ganados.*

Apegados às vaidades dêste mundo, temem os homens a chegada da morte. Quando chegará? Eis a incôgnita. Não é possível sabê-lo. Aproxima-se silenciosa, sem arautos que anunciem sua presença. Isto é, portanto, a única coisa que detém o homem medieval na sua carreira acidentada, a única que o faz meditar. São momentos em que se esquece de tudo, e se vive na presença da morte. Pensa, sim, no pélagio de prazeres mundanos em que se acha imerso; mas agora percebe que tudo é *vaidade de vaidades*. "Tenha-

mos por nada o que o mundo promete”, escreve o Chanceler Pero López de Ayala. A morte, o desprêzo do mundo dentro de seu mais expressivo enaltecimento, a roda da Fortuna, são ecos que ambientam esta época de fins da Idade Média. O Marquês de Santillana, Juan de Mena, Sánchez Calavera, Gómez Manrique, Villasandino, todo o Cancioneiro de Baena, distilam por tôda parte êstes conceitos. Junto à maior ostentação, junto ao luxo mais indescritível das côrtes e dos palácios cortesãos, deixa-se fluir o mistério do destino, que a roda da Fortuna baralha. Suero de Quiñones, homem desta época, foi homem excepcional em sua vida, até o momento do *Paso*, livre destas preocupações, caso isolado no seu ambiente. Nunca se deteve a meditar nas escabrosidades do destino. Educado com todos os cuidados, sem que nada lhe faltasse, não teve ocasião nem tempo para perguntar a si mesmo, como Juan de Mena, se tudo era *sueño e flor que peresce*, idéia que mais tarde se tornaria fértil e imponente em Calderón de la Barca. Leia-se o *Doctrinal de Privados*, do Marquês de Santillana, e compreender-se-á suficientemente o âmbito de aguda crise em que se desenvolvem as faculdades espirituais do homem medieval. Aqui veremos como das maiores altitudes se desce às mais baixas esferas, e o processo psicológico que estas quedas e ascensões ocasiona.

A ideologia da Idade Média proporciona ao mundo uma coloração peculiar no ideal cavalheiresco. A poesia épica não é, tôda ela, mais que uma exaltação do ideal cavalheiresco. Os poemas populares centralizam sua ação no herói, no cavaleiro (Fernán González, o Cid), o qual, geralmente, simboliza quase sempre todos os ideais cavalheirescos da época. Esta ideologia informa-se de todos os aditamentos que fazem da cavalheirosidade um pôrto fértil de nobreza e fidalguia: a honra, a religiosidade, a sentimentalidade elevada, a belicosidade ardorosa no combate, etc. A Idade Média espanhola é essencialmente religiosa, e todos os seus heróis são cristãos fervorosos, como belicosos são todos os religiosos, os sacerdotes. Vejamos os casos em que o Cid, antes de entrar em combate, ouve três missas, e todos os soldados reunidos ouvem a missa da Santíssima Trindade. Assim também Suero de Quiñones, antes de começar o *Paso*, ouve missa com seus nove companheiros defensores do *honrado Paso*. Caso inverso se dá em Dom Jerome, bispo que vai com o Cid à conquista de Valência, e que peleja como qualquer cristão contra os mouros.

Um dos assuntos que o Romantismo vai buscar na Idade Média é o problema que esta apresenta a cada instante entre o cavaleiro e a dama; o problema do herói por amor. Êste sonho do heroísmo por amor é que, como veremos, leva nosso Suero de Quiñones ao fantástico jôgo do celebrado *Paso*. A necessidade de mostrar valor, a exposição do perigo, o derramamento de sangue, tudo

pelo ideal do amor, são facetas em que se radica a própria paixão. Quando não se trata da libertação da donzela, que no fundo é a libertação da sua virgindade, trata-se da conquista das suas atenções, para o que se recorre, tanto para uma coisa quanto para a outra, ao ato de valor desproporcionado. Sòmente vendo assim as coisas é que se compreende que um cavaleiro como Suero de Quiñones, com nove companheiros, desafie a quantos nobres acudam ao *Paso*, nesse desaforado jôgo celebrado nas ribeiras do Orbigo, a poucas léguas da cidade de Leão. “Na integral apoteose da fôrça e do ânimo viris, sob a forma do combatente a cavalo, confluem o anelo feminino de honrar a fôrça e a soberba física do varão” (5). Nestes desafios reais, nestas contínuas mostras de valor, nestes passos e aventuras de honra e de libertação, está o germe de todo o romance de cavalaria, e o próprio germe da obra imortal de tôda a novelística: *O Quixote*. Dom Quixote sintetiza, sob traços de humor e de zombaria, tôda esta vida de desafios e de aventuras por amor à dama. Tudo quanto Dom Quixote empreende, é impulsionado por dois motivos fundamentais: o amor a Dulcinéia, a conquistadora de sua Dulcinéia, e o ódio à sem-razão, à injustiça que tanto reina na terra. Dom Quixote é um herói medieval frustrado, um personagem de ideologia medieval numa época em que esta já foi superada, numa época em que a personalidade humana arraiga mais e mais no próprio valor, no domínio da natureza, da deificação do homem, que é, ao fim e ao cabo, o problema capital da ideologia renascentista.

A última Idade Média, afirma Huizinga no seu maravilhoso livro, imprescindível para quem deseje penetrar fundo na ideologia medieval dos últimos momentos, “é um desses períodos terminais em que a vida cultural dos altos círculos sociais se converteu quase integralmente num jôgo de sociedade” (6). Que é o *Paso Honroso* de Suero de Quiñones senão um jôgo de sociedade, um divertimento ousado em que se expõe a vida de centenas de pessoas, um divertimento caro, como veremos, apenas acessível a reis e nobres ricos. Estas coisas, que correspondem inteiramente à ideologia dos homens do medioevo, acentuam-se, como todos os aspectos da vida humana, em sua decadência, como se acentuam e sobrecarregam as artes em declínio. (Observe-se êste fenômeno importantíssimo nas artes: Juan de Mena e Góngora na literatura, o gótico florido e o barroco na arquitetura, escultura e pintura, etc.).

O modo de expressar o amor neste *outono* de nossa Idade Média é insosso, sem atrativos, carecente de verdadeiro lirismo, de introspecção, de vida. Recorre-se mais à atividade física que ao canto, porque êste não se consegue com a pureza e lealdade que se dese-

(5). — J. Huizinga, *ob. cit.*, pág. 105.

(6). — J. Huizinga, *ob. cit.*, pág. 106.

ja, e que em outras épocas se conseguiu. Temos o caso dêsse extraordinário vate, Jorge Manrique, nome que enche de glória nossas primeiras letras. Quando Jorge Manrique busca descrever a ternura da sua paixão amorosa, as galantarias do amor entre homens e mulheres, as graças feminis da dama, os afazeres banais e sentimentais da côrte, cai, como sabemos, num prosaismo vulgar e ridículo, que se afasta por completo da maneira de um autêntico poeta, e sòmente, note-se, sòmente quando fere sua veia poética um motivo verdadeiramente doloroso — observe-se mais uma vez esta peculiaridade dos homens dos fins da Idade Média — a morte de seu pai, o mestre Dom Rodrigo, é que alcança êsse cume resplandecente das *Coplas* que hoje trazem seu nome. Até então, nada o havia conduzido a semelhante altura. Nem sequer o amor, embora pouco se saiba da sua vida amorosa. E' que no amor, na descrição da paixão, já não ressôa esta paixão, e procura outro meio. E' uma autêntica falta de meios expressivos puros. Vemos assim no mesmo caso a Suero de Quiñones, que foi poeta na côrte de João II, e que não se contentou — talvez porque não conseguiu realizar o poema que imortalizasse a misteriosa dama dos seus pensamentos — com suas poesias intranscendentes, palacianas, de divertimento, e origina o famoso *Paso*, e leva a êle notários para imortalizarem seus feitos, suas bravura, letra por letra (7). E' preciso fazer notar que esta luta galante, estas pelepas, êstes passos de honra medievais, diferenciam-se das outras lutas esportivas antigas e modernas em que nas medievais chega-se a uma rivalidade pouco esportiva, como hoje se diria, sem naturalidade. Nelas predomina sempre o incentivo do orgulho. O cavaleiro Suero de Quiñones, neste caso, corresponde a uma aristocracia de maneiras que entra em choque com todo o espírito esportivo. Êle dá à luta um tom de superioridade nas maneiras, a magnificência e a pompa artística que não podia

(7). — Menéndez Pelayo, *Antología de poetas líricos castellanos*, CSIC, MCMXLIV, t. II, págs. 237 ss.: Julgamos inútil, em trabalho tão compendioso como o presente, tecer o inventário dos inumeráveis versejadores do tempo de D. João II, posto que nada de novo poderiam acrescentar ao que conhecemos pelo estudo dos poetas culminantes. Sabendo-se que naquela côrte todo o mundo fêz versos, bem se pode inferir a quantidade, e também a qualidade, de tal produção. O aspecto social é o único que pode interessar nesta poesia e a biografia dos poetas supre muitas vezes as deficiências dos seus versos. Pouco valem, por exemplo, os de Suero de Quiñones; mas a ninguém pode ser indiferente o saber que os compôs, e que provavelmente foram dirigidos àquela mesma dama por cujo amor, e em sinal de escravidão, levava ao pescoço, tôdas as quintas-feiras, uma cadeia de ferro, até que concertou seu resgate por *trescientas lanzas rompidas por el asta con fierros de Milán, en la Puente de Orbigo, camião de Santiago*. E Menéndez Pelayo, *ob. cit.*, t. IV, pág. 339, em que recolhe, como de Suero de Quiñones, do *Cód. de la Bibl. Patrim. de S. M. VII A 3*, Fol. 3, a seguinte *Canción*:

Dezidle nuevas de mi,
Et mirat si avrá pesar
Por el placer que perdí.
Contadle la mi fortuna
Et la pena en que yo vivo,

Et dezid que soy esquivo,
Que non curo de ninguna.
Que tan fermosa la vi,
Que m'oviera de tornar
Loco el día que partí.

obter com seus poemas. Os sonhos do herói pretendem conseguir uma fantástica manifestação, uma representação de tipo dramático que satisfaça não só os seus anseios, senão também os anseios de todos os espectadores, e os da própria posteridade. E já que tratamos mais abertamente de Suero de Quiñones vejamos quem era êste. Até agora não se tentou fazer uma biografia sucinta e documentada. Apenas se conhecem alguns livros e folhetos, alguns dos quais são mais novelas que história, digamos assim. Por outro lado, não dá lugar a dúvidas que, a não ser pelo feito célebre do *Paso Honroso*, nas ribeiras do Orbigo, em 1434, o nome de Suero de Quiñones nos traria à memória unicamente o famoso brasão da sua nobre estirpe leonesa, unido a uma vaga notícia sôbre sua personalidade escassa de poeta e palaciano na côrte de João II, junto ao Condestável Dòm Álvaro de Luna. Mas êste feito do *Paso* imortalizou seu nome, e Suero de Quiñones passou a condenar as energias passionais do cavaleiro medieval, alicerçadas na liberdade individual, presa esta por grossa cadeia, que é o amor à sua dama, e ligadas também a circunstâncias psicológicas particulares, como veremos.

Nasceu Suero de Quiñones no ano de 1409, em a nobre cidade de Leão. Era filho segundo do *Merino Mayor* das Astúrias, Dom Diego Fernández de Quiñones, sobrinho do *adelantado* de Leão, Dom Pedro Suárez de Quiñones, o qual

non dexó fijo legitimo, e fizo su heredero a un buen cauallero su sobrino, que dizian Diego Fernández de Quiñones... (8).

Dom Diego casou-se com D. Maria de Toledo,

fija de Ferrand Alvarez de Toledo e de doña Leonor de Ayala (9).

A genealogia dos Quiñones, se dermos crédito à lenda — porque não há nada testemunhado — vem de tempos muito antigos, da época em que Jesús Cristo pregava na Palestina. Quevedo e Frei Juan de la Puente, cada um por seu lado, afirmam que existia na sua época um documento antiqüíssimo, guardado no arquivo do Conde de Luna, no qual se atestava essa tradição. Êste documento não foi encontrado, nem se encontrará certamente, por-

(8). — Fernán Pérez de Guzmán, *Generaciones y semblanzas*, ed. de Espasa-Calpe S. A., Buenos Aires, 1947, pág. 52.

(9). — F. Pérez de Guzmán, *ob. cit.*, pág. 52. Frei Juan de Pineda, *Libro del Paso Honroso defendido por el Excelente Cauallero Suero de Quiñones*. Salamanca, 1588, fol. 1.º, verso.

que êsse arquivo está quase totalmente perdido (10). Alguns outros fazem a linhagem dos Quiñones proceder do Rei Fruela, de Leão (11). Teve Dom Diego Fernández quatro filhos e seis filhas (12). Em Dom Diego encarnou-se a estirpe dos Quiñones, e seu brasão (13) sintentizou a expressão da magnificência e desprendimento da casa dos Quiñones. Suero de Quiñones nasceu, pois, num momento transcendental para a estirpe dos Quiñones, quando a família se diversifica e chega a estender-se por todos os reinos de Espanha. Em janeiro de 1413 Pedro, o morgado, e Suero, o filho segundo, vivem ao lado do seu aio Gómez Téllez de Gavilanes (14). Regras de cavalaria, lições de cetraria, Física, Ciência Militar, Filosofia e Poética, são os ensinamentos que o aio Gómez Téllez proporcionou aos dois rebentos da casa de Quiñones; tais matérias eram imprescindíveis para a boa educação e cultura de um nobre medieval da prosápia dos Quiñones. A adolescência de Suero de Quiñones transcorre ao lado do aio, junto do seu irmão Dom Pedro, o morgado. E' digno de menção o amor que existe entre todos os filhos de Dom Diego. Sendo Suero o filho segundo e Pedro o morgado, não está provado que houvessem discutido nunca, em campo algum, os seus direitos. Os destinos dos dois irmãos maiores da casa dos Quiñones continuam, no momento, unidos. Em

-
- (10). — Diz Quevedo: "El instrumento que lo asegura, hoy está en los Condes de Luna, y estando yo preso en la ciudad de León era conversación constante". Frei João de la Puente, no seu livro *Conveniencia de la Monarquía*, afirma: "Es una escritura antiquísima, en la cual un caballero Quiñones vende un lugar suyo por tres mil uncios para visitar a Cristo, que predicaba en Palestina".
- (11). — Cf. Sandoval y Trelles, *Asturias ilustrada*, onde escreve que um dos descendentes do rei Fruela, de Leão, Alvaro Pérez de las Asturias, veio a Leão no tempo de Fernando I o Grande, e tanta manha se deu em arrebatado fraudulentamente a certos sobrinhos seus os *quiñones de tierra* que possuíam na Ribeira de Orbigo, que desde então foi chamado Alvaro Pérez, *el de los quiñones*. Para mais pormenores sobre a genealogia dos Quiñones ver ainda "Cronicón de Valladolid" e "Pruebas de la casa de Lara", em *Colección de Documentos inéditos para la Historia de España*, tomo XIII, e Marqués de Akedo, *Los Merinos Mayores de Asturias y su Descendencia*, Madrid, 1918, t. I, pág. 10.
- (12). — Fernán Pérez de Guzmán, *ob. cit.*, pág. 52: "*Caso con doña Maria de Toledo... de la cual ovo el segundo bien: que fueran quatro hijos, buenos caualleros, e seis hijas... dexó a su fin dies hijos e hijas e treynta nietos sin ver muerte de ninguno dellos*".
- (13). — Conta a tradição que, pregando Cristo pelo mundo, vários patrícios de Leão conceberam a idéia de ir visitá-lo. Entre êles, havia um tão pobre que teve de vender, para custear a viagem, sua escassa fortuna: uns poucos *quinhões* de terra. Por isso, o povo passou a chamar *el de los quiñones* a êsse peregrino. Seus sucessores, quando, passados muitos anos, voltaram a Leão, enriquecidos por uma graça milagrosa, estamparam em seus brasões o primeiro lema da casa: "Visité a Cristo y a su Madre y, a costa do mi quiñon, di a España el mejor blasón". Diego Fernández de Quiñones compôs suas armas com o mesmo lema um pouco resumido, sob um escudo de um só quartel, axadrezado de azul e prata sobre goles, orlado de cruces de Santo André. Este brasão se conservava, entre outros lugares, no Castelo de Laguna de Negrillos, onde alterna suas armas com o de Dona Maria de Toledo. V. Mariano Domínguez Berrueta, *Passo Honroso de Suero de Quiñones*, Leão, 1934, pág. 115.
- (14). — Cavaleiro da Casa de Quiñones, espôso de Dona Elvira Alvarez, fiel amiga de Dona Maria de Toledo. Veja-se *Crónica de don Alvaro de Luna*, publicada com vários Apêndices por Dom José Miguel de Flores. Segunda edição. A. de Sancha. MDCCLXXXIV.

1426 Dom Diego envia Pedro e Suero ao serviço de Dom Álvaro de Luna, o grande Condestável de Castela. Nas *Actas del Paso Honroso*, de Pero Rodriguez de Lena, e no *Libro Abreviado*, de Frei Juan de Pineda, está registrado o fato da chegada de Suero de Quiñones à côrte, e sua criação por Dom Álvaro de Luna (15). Por estas datas, Suero de Quiñones trava conhecimento com Dom Henrique de Villena (16), acompanhado de seu irmão Pedro e de Lope de Stúñiga, e de alguns cavalheiros mais (17). Luís de Pinedo, no seu *Libro de los chistes*, conta-nos a engraçadíssima cena que sucedeu entre Henrique de Villena e os cavalheiros visitantes, entre os quais se encontrava, como já dissemos, Suero de Quiñones, assim como a burla de que Suero foi objeto por parte de Dom Henrique, em resposta ao seu pedido de que lhes mostrasse o demônio. Esta é uma data importante na vida de Suero de Quiñones. Seu nome começa a soar nos lábios dos cortesãos como homem arrojado, decidido, simpaticamente ousado.

No ano seguinte, 1427, é provocada a conspiração contra Dom Álvaro de Luna. Dom Henrique, filho de Dom Fernando de Antequera, encontra-se prisioneiro na côrte castelhana de João II. Seus irmãos, os infantes Dom Alfonso, rei de Aragão por morte do pai, e Dom João, rei de Navarra, exigem a liberdade de Dom Henrique, preso no Castelo de Mora (18). Dom Álvaro, homem

(15). — V. Frei Juan de Pineda, *ob. cit.*, fól. 7.

(16). — Angel Valbuena Prat, em sua *Historia de la Literatura Española*, 3a. ed. Barcelona, 1950, pág. 226, faz de Don Henrique de Villena o seguinte retrato: "En los comienzos del siglo XV, la figura de este pretendiente a marqués de Villena, cuyo título no logró alcanzar, se alza entre el misterio y la ironía, como un frey Gil de Santarem o un doctor Fausto, en tono menor; como un mago más de entremés que de tragedia. Fernán Pérez de Guzmán hizo de él una semblanza excelente: "Pequeño de cuerpo e grueso, el rostro blanco e colorado", "mui sutil en la poesía... y mui copioso e mesclado en diversas sciencias. Sabía hablar muchos lenguages; comía mucho e era muy inclinado al amor de las mujeres"... Precoz en el trabajo intelectual, gustador de los placeres del cuerpo e del espíritu, epicúreo del humanismo, careció de elevada dignidad varonil. Aspiró por todos los medios al marquesado y otros grados honoríficos, cometiendo las mayores bajezas ante Enrique III, consiendiendo hasta la disolución de su matrimonio. Su mujer, doña Maria de Castilla, pasó a ser manceba de Enrique III, que hizo Villena mestre de Calatrava; en la solicitud de nulidad de matrimonio, el marido alegó impotencia... Su afición a las artes adivinatorias, a las ciencias ocultas, hizo que su figura tomara siniestro colorido en su época. Villena era un "mago" que había hecho pacto con el diablo... Su fama de brujo motivó que, a su muerte (1434), el rey don Juan II mandara quemar sus libros, encomendando esta tarefa a frey Lopes de Barrientos, obispo de Segovia. Este prelado tenía grandes simpatías por las artes mágicas, lo cual contribuyó a que no se quemaran todos los libros del "encantador" y a que utilizara varios de él en su "*Tractado de las especies de adivinanza*". As obras mais importantes de Enrique de Villena são: *Los doce trabajos de Hércules* e a *Arte Cisoria*. E' de Villena a tradução mais antiga, para uma língua vulgar, da *Eneida* (1427-1428). E' dele também a primeira versão espanhola da *Divina Comédia*. Da sua *Arte de Trovar* (1433) só se conservam alguns fragmentos.

(17). — V. na compilação de contos do bibliotecário Dom Antonio Paz y Melia, *Sales de España. Floresta*, en Biblióf. madrileños, III, a coleção de Luís de Pinedo *Liber facietarum et similitudinem Ludovici di Pinedo et amicorum*, com texto em castelhano.

(18). — V. *Crónica de don Alvaro de Luna*, Madri, MDCCLXXXIV.

sagaz para a política, com grande intuição para as coisas do governo, aconselha ao rei a liberdade do infante. A corte estava então instalada no Castelo de Simancas, a poucas léguas de Valladolid. Ouve Dom João II os conselhos do favorito, e as portas do Castelo de Mora se abrem para o infante Dom Henrique. Dom Álvaro, sem dúvida alguma, pretendia que a libertação de Dom Henrique pusesse um véu nos conflitos que pudessem surgir entre a corôa de Castela e as de Aragão e Navarra. Mas as coisas não saíram como êle pensava, e como logicamente deveriam ter saído. Poucas semanas depois, o próprio Dom Henrique, pagando com injustiça os auxílios do Condestável, provoca em Aragão e Navarra, e na própria Castela, a conspiração contra o Condestável. A intriga estava no apogeu. Dom João II, como sempre indeciso, vacilante e destituído de energia, tenta afastar-se do assunto, submetendo-o a quatro árbitros que, reunidos em Valladolid, decretam o destêrro do Condestável. O governo fica, pois, nas mãos dos confederados. Foi êste um dos muitos erros da História da Humanidade, erros que dão o indício da psicologia de uma época, e que facilitam aos sucessivos acontecimentos um álveo novo, inesperado, de renovação na política. O Condestável é desterrado, pois, em 1427. Dispõe-se a partir para seu exílio de Ayllon. As simpatias que tem na corte não são poucas, e esta decisão do débil Monarca é vista com desagrado por centenas de nobres, os quais se aprestam, solícitos, para acompanhar o Condestável no seu destêrro. Entre êles vemos o nosso Suero de Quiñones. Não se poderia esperar menos de um nobre a seu serviço. Pouco depois veremos êstes nobres acompanhantes do Condestável regressarem vitoriosos à corte, pelas súplicas do Rei. Os próprios conspiradores pediram ao Rei a volta do Condestável, ao observarem a violenta desarticulação em que ficou imersa Castela com a auência de Dom Álvaro de Luna.

O ano de 1431 é de grande atividade para a corte de João II. Dom Álvaro regressou vitorioso ao governo, e domina a nobreza antes confederada contra êle. Surge na mente do Condestável o nobre afã de terminar a Reconquista, e todos os cavaleiros de Castela respondem ao seu chamado. Suero de Quiñones não podia deixar de acompanhá-lo nessa empresa. É uma ocasião magnífica para mostrar sua bravura, para provar sua altivez, seu orgulho de raça nobre e desinteressada. Dói-lhe ser filho segundo, embora seu irmão Dom Pedro não pense nele como segundo. É agora que Suero de Quiñones, por um golpe do seu braço, deixará de ser o *filho de Dom Diego, o da boa fortuna*, para ser Suero de Quiñones. E assim empreende a luta com o braço direito desnudo. Que é que motiva êste ato de valor? Impulsiona-o a bravura, a ocasião de demonstrá-la; impele-o o complexo de filho segundo,

diríamos também; incita-o algo mais. Este *algo mais*, êle mesmo o dirá mais tarde, é o *serviço da sua dama*. Chegou o momento do combate. O Emir Mohamed-Al-Zakir mandou pregar a guerra santa, e as portas de Granada vomitam centos e centos de ginetes mouros, dispostos à pelêja. Os primeiros nobres castelhanos que se apresentam ao combate são Dom Garcia, conde de Castanheda, e Dom Henrique, conde de Niebla (19). Suero de Quiñones é, igualmente, dos primeiros que se juntam à pelêja (20). A batalha de Sierra Elvira traz aos cristãos uma nova vitória sôbre os mouros, que se refugiam, completamente dizimados, atrás das muralhas de Granada. Boa ocasião para Suero de Quiñones. Êste triunfo do Condestável, que deveria situá-lo mais altamente na boa disposição dos nobres para com êle, a única coisa que lhe proporciona são novas invejas. A *Crónica de don Álvaro de Luna* conta como, no próprio campo de batalha, intenta-se matar o Condestável à traição, em conjura tramada pelo bispo de Palência, por Fernán Alvarez de Toledo, por Fernán Pérez de Gusmán e por Pedro Velasco (21).

Chegou o momento do amor. Suero de Quiñones arde em prisão de amor. Está-se desenvolvendo o germe que dentro em pouco causará o passo mais falado da História de Espanha. A nosso juízo, o *Paso Honroso* não foi mais que a manifestação ardorosa do enorme complexo de inferioridade que Suero sentia, como filho segundo. Forçoso lhe era *libertar-se*, e, ao mesmo tempo, enaltecê-lo, superar êsse complexo, sobressair no âmbito nacional, de modo que conseguisse, já que não podia ser material e socialmente um morgado, um morgadio espiritual, embora, como logo veremos, Suero consegue mais tarde o morgadio. Dom Diego, seu pai, fêz morgados a todos os seus filhos, sem menosprêzo, por isso, por parte de Dom Pedro. Suero de Quiñones, num meio palaciano de refinamentos cortesãos, num ambiente em que prepondera a lírica entre tôdas as artes, em que o próprio João II faz versos, pensa em sua dama, e tenta fazer jogos de imaginação amorosa com as palavras. Como poeta, Suero de Quiñones nada chegou a significar na sua época, nem em épocas posteriores (22). Para a posteridade, teria sido um insignificante versejador.

(19). — V. *Crónica de don Alvaro de Luna*, já citada, e *Crónica de don Juan II*, publicada por Galíndez de Carvajal, Logroño, 1517.

(20). — "Llevaba el brazo derecho desnudo por servicio de su dama", êle mesmo nô-lo diz. V. também *Centón epistolario del Bachiller Fernán Gómez de Ciudad Real*, carta 51. Êste *Centón* é uma engenhosa falsificação bibliográfica, histórica, e lingüística. Não existiu o impressor Juan Rey, que se diz ter estampado essa obra em Burgos, em 1499. Os característicos internos a externos do livro indicam que é imitação moderna. Na parte histórica segue fielmente a *Crónica de Juan II*, de modo que quando esta incorre em erro, o mesmo faz o *Centón*.

(21). — V. *Crónica de don Alvaro de Luna*, título XXXIX.

(22). — V. Menéndez Pelayo, *ob. cit.*, págs. 237 e ss.

Menéndez Pelayo supõe ser dêle uma única poesia do *Cancionero de su Magestad*, o que nada significaria ao lado de figuras da época, como o Marquês de Santillana, Juan de Mena, Gómez Manrique, etc. A fama de Suero de Quiñones deve-se, indubitavelmente, ao feito do *Paso Honroso*. Suero está aprisionado nas malhas do amor, e *il faut deliberer*, como reza sua divisa (23). Mancebo Valbuena recolhe os episódios alusivos a êste momento da vida de Suero de Quiñones; ali se conta que a dama inspiradora do *Paso Honroso* não era Dona Leonor de Tovar, filha de Dom Alonso de Tovar, senhor de Huérgano — idéia nascida do fato de que Quiñones contraiu matrimônio mais tarde com uma Dona Leonor de Tovar, que nada tinha com Dom Alonso de Tovar, e sim com Dom João de Tovar, senhor de Cevico de la Torre, de quem era filha (24). Até o presente nada se pôde comprovar com justeza quem seria a dama inspiradora do *Paso*. Nunca Suero de Quiñones fêz alusões a ela, e se alguma coisa sabemos, sem nenhuma certeza, devêmo-la às murmurações da côrte, atestadas pelas Crônicas, que faziam Dona Leonor de Tovar, filha de Dom Alonso de Tovar, a dama do *Paso*, coisa que não se tem podido demonstrar. No livro do *Paso Honroso*, de Rodriguez de Lena, nunca se alude diretamente a esta dama, como já temos dito. O mais certo é que tal dama fôsse Leonor, filha de Dom João de Tovar, já que o matrimônio de Suero de Quiñones com esta dama, um ano depois da realização do *Paso*, assim nos faz supor. A bibliografia em tôrno dêste ponto é escassa e insegura. O único que é certo, se não foi Dona Leonor, filha de Dom João de Tovar, é que a dama, a julgar pelo mistério em que se ocultou seu nome, seria de tão alta linhagem que só pensar nela públicamente constituiria crime contra a realza.

O ano de 1434 é o ano-chave da vida de Suero de Quiñones, que estamos tratando de seguir sucintamente, através das crônicas e das *Actas del Paso Honroso*. Em 1434 leva-se a cabo o feito transcendental do famoso *Paso*, originado por Suero de Quiñones, e do qual a História de Espanha, bem como a História Literária, fazem larga menção. Vamos nós, de momento, saltar essa data, já

-
- (23). — “Había dos clases de divisas, unas que tomaban los caballeros para hacerse discernir de los soldados en la guerra, y que, para Quiñones, fué la de su apellido; otra en la que se manifestaba el designio particular que cada un tenía. Después del passo algunos caballeros de la familia de Quiñones tomaron por lema *Il faut delivrer*: “Es preciso libertarse”, grito angustioso contra un destino de prisión; súplica del alma que no se da cuenta de que el camino de su libertad es el de una nueva prisión: la del ambiente”. Marquês de Alcedo, *ob. cit.*, tomo I, págs. 10 e ss.
- (24). — Na doação que faz Dom Diego a Suero de Quiñones, feita, segundo afirmam as crônicas, “por el entrañable amor que le tenía”, fica bem assente ser Dona Leonor “hija de don Juan de Tovar, criado del señor don Alvaro de Luna”, Guarda-Mor do Rei e progenitor dos Marquêses de Berlanga e de Valverde. V. Marquês de Alcedo, *Un olvidado pleito del siglo XV*, e J. Mancebo Valbuena, *Cumbre Histórica*, Leão, 1938.

que em capítulo a parte trataremos mais demoradamente dêstes feitos.

A éra medieval é insegura e incerta. Mudam as fortunas como as estações. São freqüentes os distúrbios, as reviravoltas políticas, as conspirações. Estas mesmas reviravoltas, que faziam do favorito do rei o seu maior inimigo e inversamente, puseram o nosso Suero de Quiñones em campo oposto ao Condestável, seu grande amigo e protetor. Por volta de 1439, Dom Suero abandona o partido do Condestável e se bandeia para o conde de Benavente. Numa das escaramuças, tão freqüentes nesta época entre os diversos bandos, Suero de Quiñones é feito prisioneiro e conduzido ao castelo de Castilnovo, perdendo sua fortuna (25). Mais tarde, pela mediação do príncipe das Astúrias, reaparecerá como triunfador da mais alta categoria, recuperando o território de Navia e obtendo a promessa de ser reintegrado na posse dos bens patrimoniais que lhe haviam sido tomados.

Diego Fernández de Quiñones era pai amantíssimo. Cruel na pelêja, mas terno em seu lar. Todos os filhos eram iguais diante dêle, e seu ideal era fazê-los a todos morgados. Êste anseio, êle o vê realizado, mercê da sua lealdade à corôa, sua nobreza e cavalleirismo em todos os atos, e seus inestimáveis auxílios. A facilidade de constituir um, dois ou mais morgadios foi-lhe conferida pelo Rei no dia 22 de outubro de 1440, em Valladolid, e dela Quiñones fêz uso no seu testamento. O próprio Pero Rodríguez de Lena, notário do *Paso Honroso*, ouviria mais tarde o testamento conjunto de Dom Diego e de sua espôsa, Dona Maria de Toledo, pelo qual foram criados morgadios para seus filhos varões. Suero de Quiñones recebe, desta forma, grande parte da herança total de Dom Diego (26). Tudo isto sucede em fevereiro, dia três de 1442. Nesse mesmo ano morre Dom Diego;

alcanzó en este mundo aquello que muy pocos alcanzan; gran prosperidad sin haber grandes infortunios ni tribulaciones (27).

(25). — V. Mariano Domínguez Berrueta, *ob. cit.*, pág. 12.

(26). — V. Marquês de Alcedo, *Los Merinos Mayores*, tomo I, onde se lê o testamento de Dom Diego Fernández de Quiñones, em conjunto com o de sua espôsa: "Mandamos nuestras ánimas a Dios, que las crió y redimió... Mandamos a Suero, nuestro hijo, los lugares de Villanueva de Simón Sánchez, e Santa Helena, e Herreros de Congosto, e Quintana de Jamuz, e su Concejo de Riba de Sil e mi lugar de Gordaliza del Pino" (dêstes bens já lhe havia feito doação por ocasião do seu matrimônio com Dona Leonor de To-var, e agora a ratifica por disposição testamentária). A seguir se lêem as doações aos demais filhos: "E nos Pedro, Suero, Hernando y Diego, que presentes estamos, decimos que los bienes, villas, casas que nos daís, los recibimos so título de mayorazgo..., que vos aquí en este vuestro testamento y mayorazgo facéis, el qual aprobamos y consentimos apartándonos de qualquier acción o derecho, que, como quier, o en qualquier manera, contra lo qual tengamos o podamos decir..., e queremos en todo guardar la ordenanza e regla que por vos se face..., todo según la licencia que hizo (a Dom Diego) el Rey en Valladolid...".

(27). — Fernán Pérez de Guzmán, *ob. cit.*, pág. 52.

Voltemos atrás, depois dêste breve parêntese acêrca dos feitos de Dom Diego. O mistério da dama do *Paso Honroso* acentua-se ainda mais quando, a 24 de abril de 1435, um ano apenas depois do *Paso*, Dom Diego Fernández de Quiñones, e com êle seus filhos Pedro e Suero, se acham diante de Diego Ruys e Pedro Díaz Lianes, notários do Rei na vila de Madrí. E Dom Diego:

Digo yo, Diego Fernández de Quiñones, que estando trabado casamiento por palavras de presente, de vos, Suero de Quiñones, mi hijo, con doña Leonor de Tovar, hija de don Juan de Tovar, señor de Cevico, criado del señor don Alvaro de Luna... (28).

Êste casamento imediato aos acontecimentos do *Paso Honroso* nos faz pensar, como dissemos anteriormente, por um lado, que a dama inspiradora do *Paso* fôsse a mesma Dona Leonor com quem depois se casou, e não Dona Leonor, filha de Dom Alonso de Tovar. Visto isto, é já quase indubitável, embora não se hajam encontrado provas fidedignas em que se especifique que a dama do *Paso* passasse logo a ser sua mulher. Sôbre Dona Leonor, portanto, pouco sabemos, a não ser o que se deduz dos fatos lógicos dos acontecimentos (29).

Cêrca de 1439, o *Adelantado* Dom Pedro Manrique foge da sua prisão de Fuentidueña. As causas desta prisão são mal conhecidas. Supõe-se que uma carta do *Adelantado* ao Rei motivou a sua prisão (30). Dom Pedro Manrique origina uma nova insurreição, e apodera-se do ânimo dos descontentes. Aos poucos une-se a êle a nobreza sempre pronta a rebelar-se. Os insurretos, os inimigos do Condestável, instalam-se em Medina de Rioseco, e cresce de tal maneira a insurreição, que o Rei e o Condestável se preparam para fazer-lhe frente com as armas. Que partido tomam os Quiñones nisso tudo? Seguem o caminho mais fácil, e abandonam o Rei e o Condestável, passando a formar com a nobreza sublevada (31). Vemos agora Suero de Quiñones ao lado do conde de

-
- (28). — Diego Fernández de Quiñones concede aqui a seu filho Suero os bens que, como vimos na nota 26, confirma na primeira parte do seu testamento. Suero de Quiñones faz o juramento de “no pedir absolución ni reclamación de este juramento, ni a Papa, ni a Prelado, ni a Juez”. Pedro de Quiñones, que era por direito o morgado, diz, em continuação: “Yo, Pedro de Quiñones, consiento y otorgo la donación hecha a mi hermano Suero... y renuncio a los derechos que a mi o a mis herederos pudiera corresponder sobre los bienes donados”. V. Marqués de Alcedo: *Un olvidado pleito del siglo XV*.
- (29). — Já temos visto, pois, quem é esta Dona Leonor, “hija de don Juan de Tovar, señor de Cevico de la Torre...”. Sôbre a fundação do morgadio de Dom João de Tovar e os pleitos seguidos por êle, e outras vicissitudes da casa de Tovar, v. no Arquivo Histórico Nacional os números 632, maço 37.617; número 2.745, maço 37.680; números 604 e 3.540 de pleitos.
- (30). — Silió, em seu livro *D. Alvaro de Luna y su tiempo*, Madrí, 1935, sustenta a inexistência desta carta.
- (31). — Para mais pormenores da rebelião da nobreza contra o Condestável, v. as citadas *Crónica de Juan II*, *Crónica don Alvaro de Luna*, *Centón Epistolario*.

Benavente, do conde de Medinaceli, de Dom Luís de la Cerda, do Bispo de Osuna e do conde de Ledesma. Por outro lado, o rei João de Navarra e o infante Dom Henrique declaram-se também contra Dom João II e o Condestável. As hostes de Dom João, rei de Navarra, unem-se, mediante um embuste, ao Rei de Castela, para servir aos interesses dos confederados. Entre as cidades que êstes vão conquistando, encontra-se Leão, a cidade dos Quiñones. Nela irrompem Pedro e Suero, levantando o seqüestro do bispo de Leão, frei Alonso, que se achava prêso por ordem do Rei e do Papa. A cidade cai sob o inteiro domínio dêles, e os nobres leoneses partidários do Rei são afugentados da cidade com seus haveres (32). Pedro de Quiñones é agora, pela renúncia de seu pai, o *Merino Mayor* de Leão. Tal é, nesta época, o poder dos Quiñones, que resolvem não só ir contra o Rei, e fazer de Leão cidade confederada, senão também marchar contra as Astúrias, que são o Principado da Corôa de Castela. Assim, pois, declaram-se contra Dom Henrique, Príncipe das Astúrias, e chegam com suas hostes até as Astúrias. Algumas vilas se levantam contra êles, entre as quais Llanes, que é logo dominada, e fazem que todos os senhores da vila se declarem seus vassallos (33). A vida nas Astúrias, sob o senhorio de Pedro de Quiñones, desenrola-se turva, cheia de assassínios e de violações (34). Após muitas tentativas do Monarca para conseguir um acôrdo, chega-se ao famoso *Seguro de Tordesillas*. Declarado neutro êste lugar, sob a garantia do conde de Haro, reúnem-se nele João II, o Rei de Navarra, de um lado, e o infante Dom Henrique, o *Adelantado Manrique*, o Almirante e o conde de Benavente, do outro lado. Pedro e Suero de Quiñones esperam em Valladolid a solução ou o acôrdo. Após muitas deliberações, nada se consegue em Tordesillas, e se levanta a neutralidade (35). Por fim concorda-se, no território de Vilafranca, que o Condestável abandone a Côrte por seis meses, ficando o govêrno a cargo de um conselho de nobres, juntamente com o Rei, durante êsses seis meses (36). Isto, porém, não traz nenhum arranjo para o panorama político de Castela. Todos os nobres do conselho procuram atrair a atenção do Monarca, cada um para a sua própria pessoa. Cada nobre trata de ser um novo

(32). — V. *Centón Epistolario*, carta 84.

(33). — V. *Crónica de don Juan II*, onde se recolhe a provisão dada em Valladolid pelo Rei, em 1440, na qual se ordena que Llanes se levante pela causa real.

(34). — V. Marquês de Alcedo, *Los Merinos Mayores*, tomo I: Real provisão do Príncipe das Astúrias, dada em Ávila em 1444.

(35). — V. *Seguro de Tordesillas* do Conde de Haro, impresso pela primeira vez em Milão, 1611, por Pedro Mantuano, secretário da Casa de Haro, e publicado por José Miguel Flores, juntamente com o *Libro del Passo Honroso*, como apêndice à *Crónica de don Alvaro de Luna*, Madri, 1784.

(36). — V. Cesar Silio, *ob. cit.*, e o *Seguro de Tordesillas*, onde se recolhe a narração dêstes sucessos.

favorito. E começam os desacordos do rei de Navarra e do príncipe das Astúrias, Dom Henrique. O Rei acode, em segredo, a Dom Álvaro de Luna, no seu destêrro de Ayllon. E Pedro e Suero de Quiñones, entretanto, decidem não retirar das Astúrias as suas hostes. Entre as indecisões da Corôa e as pretensões do Príncipe e do rei de Navarra, corre uma época em que Suero de Quiñones se abandona completamente às ternuras do lar, afastando-se dos distúrbios políticos, até mais ver, como diríamos em linguagem popular.

O matrimônio de Suero de Quiñones foi fecundo: três filhos, Pedro, Teresa e Diego. Pedro morreu jovem. Teresa de Quiñones casar-se-á com um alto cavaleiro de Castela, e prolongará a linhagem dos Condes de Grajal. Diego, Comendador da Ordem de São Tiago, morrerá em 1480. Foi homem de escasso valor, fraco, sujeito a uma vida degradada e ignóbil. Teve amores com Dona Mência de Lemos, que havia sido barregã do Cardeal Mendoza, da qual teve um filho, que mais tarde disputará a herança de Suero de Quiñones (37).

Em 1442 morre Dom Diego Fernández de Quiñones (38), após ter feito testamento, como vimos. Seus quatro filhos varões são já morgados, com avultados bens. São agora os primeiros representantes da linhagem dos Quiñones, morto Dom Diego. Neste tempo, o infante Dom Henrique e o rei de Navarra levantam-se resolutamente contra João II. O Almirante une-se aos rebeldes. O Condestável, que vê em perigo a pessoa do Rei, abandona seu retiro de Ayllon e corre em socôrro do Monarca. Suero e Pedro de Quiñones marcham com os insurretos. Triunfam os rebeldes em Medina, e condenam Dom Álvaro a seis anos de afastamento da Côrte. O Almirante dirige agora a vontade do Rei. Mas as

(37). — V. Marquês de Alcedo, *Un olvidado pleito del siglo XV*. Refere-se êste pleito aos bens de Dom Diego Fernández de Quiñones, que, por morte de Diego, o segundo filho de Pedro de Quiñones, foram reclamados por Diego, filho de Pedro de Quiñones, e conde de Luna. Afirmava o conde de Luna que Dom Diego Fernández de Quiñones havia vinculado êsses bens a seu filho Suero, e, no caso de morrer Suero, ao filho maior dêste ou seus sucessores; mas se êste filho maior morresse sem sucessão, passariam ao ramo primogênito, isto é, a Pedro de Quiñones e a seus sucessores. Aconteceu, então, que um cônego de Sevilha, o bacharel Nicolás Ortiz, interferiu no pleito, declarando que o falecido Diego, filho de Suero, havia deixado um testamento, no qual reconhecida como filho legítimo e herdeiro de seus bens, ao filho que havia tido de um matrimônio por êle contraído com Dona Mência de Lemos, chamado Diego, do qual era tutor o referido cônego. A favor dêste depôs uma série de testemunhas, pretendendo provar: 1) a gravidez de Dona Mência de Lemos em Laguna de Negrillos; 2) a existência do referido matrimônio secreto e 3) o nascimento do referido Dom Diego. As testemunhas do Conde de Luna afirmavam, por outro lado, a vida licenciosa de Dona Mência; a troça que ela fazia pelos prostíbulos do Comendador; a afirmação de que ela nunca coabitara com êle; os amores da cortesã com o Cardeal Mendoza, e a certeza de que o pequeno Diego não era filho do citado Diego de Quiñones.

(38). — "Murio de más se sententa e çinco años, de dolencia natural, muerte pacífica y sosegada", sen nunca sentir "adversidad de fortuna". Fernán Pérez de Guzmán, *ob. cit.*, pág. 53.

coisas se complicam no panorama político de Castela, e surgem novos descontentamentos. O Príncipe Dom Henrique faz as pazes com seu pai. Dom Henrique, então, lança de Ávila um manifesto ao país, contra os seqüestradores do Monarca. Surgem novamente dois partidos: de um lado o Rei, o Príncipe e o Condestável; do outro, o rei de Navarra, o infante Dom Henrique e o Almirante, e com êles Pedro e Suero de Quiñones. Prepara-se a grande batalha, a batalha definitiva, contra o Condestável, a batalha que vai levá-lo diretamente à Praça del Ochavo de Valladolid. Entretanto, em 1443 e 1444, a situação criada por Pedro e Suero de Quiñones nas Astúrias se faz insustentável. Dedicam-se a reorganizar suas hostes e a arrigementar gente para dar o combate decisivo contra o Condestável; enquanto isso, uma turba de facínoras governa as Astúrias (39). A tal ponto chegam as calamidades aí que os asturianos se queixam ao Rei. O Monarca, então muito ocupado com os negócios de Castela, outorga amplos poderes a seu filho Dom Henrique (40). O Príncipe escreve em Ávila uma longa carta aos asturianos, ordenando-lhes que ninguém acate a autoridade de Pedro e Suero de Quiñones,

ni la de sus hermanos Ministros ni Justicias puestos por ellos,
e que os que se sintam leais à Corôa

deben apoderarse de las tierras que los Quiñones ocupan y poner fuego a sus fortalezas (41).

A carta do Príncipe atinge seus fins. Forma-se um grande exército para dar cumprimento à carta de Dom Henrique, e começa o primeiro julgamento dos Quiñones em Avilés. Os asturianos descontentes ocupam a torre de Avilés, e o domínio dos Quiñones nas Astúrias se enfraquece. Pouco depois, exige-se do Príncipe o juramento de

para no desistir del Principado, ni dar a Pedro ni a Suero de Quiñones ni a sus herederos, hijos, cuñados, parientes, ninguno de los oficios de merindad ni juzgado, ni permitir que sean heridos o muertos los vecinos y mis vasallos, subditos y naturales del Principado por los ditos Suero y Pedro de Quiñones (42).

(39). — V. Marquês de Alcedo, *Los Merinos Mayores*, t. I. Petição feita em Oviedo, aos 16 de novembro de 1443, a Pedro de Quiñones, pelos procuradores daquela cidade, supplicando-lhe “no mande a governar Asturias facinerosos ni gente que no tenga la confianza de los procuradores”.

(40). — V. nota 34.

(41). — V. Nota 34. Esta provisão do Príncipe das Astúrias é um libelo ao mesmo tempo das tropelias e menosprezos à Corôa por parte de Pedro e Suero de Quiñones.

(42). — V. Marquês de Alcedo, *Los Merinos Mayores*, t. I. Ata de Preito — Homagem do Príncipe Dom Henrique, de não desistir do Principado nem permitir mortes e saques por parte dos vassallos de Pedro e Suero de Quiñones.

A imperiosa necessidade de tropas por parte dos Quiñones para enfrentarem o Rei, fêz com que êles fôsem cedendo pouco a pouco nas Astúrias, para organizarem-se no sul. Com isto, as Astúrias ficam livre dos tiranos. Destituem-se os *Merinos*, os *Alcaides* e os *Regidores* postos pelos Quiñones. Enquanto isso se passa, Pedro e Suero estão em Olmedo, onde se reúnem os confederados sob o comando do rei de Navarra, do Infante Dom Henrique e do Almirante. Chocam-se aí os dois exércitos, e fere-se a famosa batalha de Olmedo, na qual intervêm os Quiñones, embora só se saiba ao certo da intervenção de Pedro, e não da de Suero. As tropas do Rei saem vitoriosas, e o Almirante é confinado por dois anos em Torrelobatón, e o conde de Benavente em Benavente. São confiscados todos os bens dos Quiñones, o que faz supor que Pedro, Suero e Hernando tomaram parte na batalha. Suero é desterrado como rebelde, com proibição de entrar em Castela sob pena de morte (43). O Condestável consolida seus poderes, atezando a nobreza. Todavia, a batalha de Olmedo fôra uma batalha contra seu poder. Daqui por diante vão surgir novos ódios, ódios que desta vez o farão deixar definitivamente a Côrte.

Dom Álvaro de Luna, homem de amplo critério político, talhado à moderna, como diríamos hoje vulgarmente, julga oportuno levantar o destêrro dos nobres rebeldes, entre êles os Quiñones, em virtude de uma ampla anistia, ou talvez mercê da intervenção do Príncipe. Mas, pouco a pouco, depois disso, o Condestável não se sente seguro na vizinhança dos nobres que voltaram a Castela. Suero de Quiñones, durante seu destêrro, havia andado errante pela côrte de Navarra, curtindo a amargura da ausência do lar e de suas terras. O Rei convoca a Suero e a Pedro — certamente por conselho de Dom Álvaro — aos Condes de Benavente e de Alba, ao Almirante e a seu irmão Dom Henrique, em 1448, a meia distância entre Tordesilhas e Vilaverde, em agôsto dêste ano. Êstes nobres, que haviam sido rebeldes, não confiam em Dom João, receiam o chamado. O bispo de Ávila serve de intermediário, e numa das suas idas e vindas os nobres convocados são rodeados e presos de surpresa (44). Pedro e Suero de Quiñones são manietados e conduzidos, com os restantes nobres, a Tordesilhas. Aí se detêm um dia nos calabouços do Castelo. No dia seguinte, Pedro é conduzido ao Castelo de Roa; Suero e Benavente ao Castelo de Portillo, e de novo se confiscam os bens dos Quiñones. Aos olhos críticos da História, esta atitude do Condestável não tem justificação. Por que, depois de havê-los feito regressar a Castela, livres, são êles presos outra vez? A época dos Trastama-

(43). — V. Marquês de Alcedo, *ob. cit.*, págs. 10 ss.

(44). — V. *Crónica de don Alvaro de Luna, e Centón Epistolario*.

ras está tão cheia de confusões e de desordem, que não nos surpreendem as bruscas mudanças de pensamento e de política, embora nos surpreenda um pouco esta atitude do Condestável. Que João II, homem fraco, o tivesse feito, não seria de estranhar. Mas a Dom Álvaro, isto o enfraquece. E' que a debilidade já o havia atingido. Dom Álvaro, que tinha a intuição das coisas, e era astuto, percebe que êstes nobres capturados em Olmedo vão destruir seu poder, e, ainda mais, vão fazer rodar por terra a sua cabeça. Eis aí *la fuerza del sino*, diríamos como o Duque de Rivas.

Os Quiñones, a começar por Dom Diego, sempre tiveram a virtude de se fazerem amar pelos seus vassallos. Chegou agora a ocasião de demonstrar essa lealdade, êsse afeto. Os castelos dos Quiñones pronunciavam-se a seu favor, e comissões representativas se dirigem ao Rei para solicitar que Pedro e Suero de Quiñones sejam postos em liberdade. Mas o Monarca, possivelmente influenciado por Dom Álvaro de Luna, rejeita a petição. Isso provoca a sublevação dos castelos, que são ocupados pelo Monarca, menos o de Laguna de Negrillos, que resiste, e para o qual se dirige o Rei em pessoa (45). Entrementes, do castelo de Portillo foge, numa noite, o conde de Benavente (46). Temeroso o Príncipe de que Suero trate de evadir-se como o Conde, e possa conseguir a sublevação do Principado, tira-o do Castelo de Alarcón, onde últimamente havia sido encerrado, e leva-o com êle, prisioneiro, de vila em vila, na rota das suas correrias. Depois é transferido para o castelo mais seguro de Castilnovo. Tudo isto em 1448. A prisão em Castilnovo foi um pesado golpe contra a indômita altivez de Dom Suero de Quiñones. O rei de Navarra busca libertá-lo, o que consegue, após muitos rogos, mediante a troca de Suero pelo Duque de Medinaceli, que o rei de Navarra tinha prêso nos Pirineus (47).

Os ânimos dos descontentes contra o poder do Condestável se erguem novamente, e seu ódio contra Dom Álvaro de Luna aumenta. A política do reinado de João II é uma curva oscilante, cheia de vácuos misteriosos, de intrigas, de confabulações, onde nunca se sabe o que vai acontecer. Os instintos passionais preponderam sôbre os poderes anímicos. Uma vez mais, vemos pois, o Almirante, o rei de Navarra, o conde de Haro, o Marquês de Santillana e, desta vez, o Príncipe, a quem haviam conseguido vencer, confederados para derrubar o Condestável. Toledo levanta-se em armas, quando estavam ainda presos Pedro e Suero de Quiñones. O Príncipe atemoriza-se com os levantes dos castelos dos Quiñones, e Dom Henrique obtem que Pedro de Quiñones

(45). — V. *Crónica de don Alvaro de Luna*.

(46). — V. Marquês de Alcedo, *ob. cit.*

(47). — *Id., id.*

lhe renda preito e homenagem para servi-lo fielmente e respeitar os direitos do Principado, sendo pôsto em liberdade. Então Dom Álvaro de Luna se apressa a libertar Suero, para atraí-lo para o seu lado, ignorando que êste já está com os confederados. Desta vez não há salvação para o Condestável.

Quando Suero é pôsto em liberdade, o rei de Navarra, que sempre procurara favorecer a Suero e Pedro de Quiñones, procura a Suero para que sirva de intermediário nas negociações políticas com seu filho Dom Carlos, príncipe de Viana, e para isso Suero tem de transportar-se de Leão para Pamplona. Neste tempo, a conjura contra Dom Álvaro ganha corpo em Castela, e os conjurados conseguem pôr a seu favor a Rainha, primeiro, e depois o Rei, sempre débil, e obtém ordem de prisão para o Condestável. Dom Álvaro foge para Burgos, mas cai prisioneiro. Todos conhecem a História: sua cabeça rola no cadafalso, na Praça del Ochovo de Valladolid. Eis como a História conclui em muitas ocasiões os seus destinos, e paga com o sangue de quem a serve os passos turvos e leais das suas aspirações.

A queda de Dom Álvaro de Luna precipita em inconsolável tristeza o Monarca de Castela. Henrique IV sobe ao trono e inaugura uma vergonhosa etapa da monarquia espanhola, como prelúdio à auréola que, anos depois, há de rodear essa mesma monarquia com a política dos Reis Católicos. Henrique IV, pois, é Rei de Espanha, e inicia uma série de concordatas, devolvendo seus bens a todos aquêles a quem seu pai João II e o Condestável os tinham confiscado. Suero de Quiñones tinha confiscadas, mesmo após ter sido libertado, muitas propriedades (48). Uma vez recuperados todos os seus bens mercê da concordata de Dom Henrique, Suero se retira para Barcial de la Loma. Poucos dias de vida lhe ficam.

“En 11 de julio de 1458 muere Suero de Quiñones a manos de D. Gutierre de Quijada, entre Barcial de la Loma y Castroverde, en un campo donde hace poco campeaba una cruz, algo suntuosa, llamada la Cruz del Muerto. Los dos caballeros pelearon juntos en Granada, por la fe y por la patria, justaron en el Paso, por la dama; por el lema luminoso de los juegos florales, que viñeran de Francia envueltos en flores y el sol de España los manchó de sangre...” (49).

Ao morrer Suero de Quiñones, todos os seus bens passaram a seu primogênito. Êstes bens, Suero os tinha recebido de seu pai, Dom Diego, quando Suero se casou com Dona Leonor de Tovar, com o consentimento do morgado, Pedro, que nesse dia jurou renunciar

(48). — Mariano Domínguez Berrueta, *ob. cit.*, e Marqués de Alcedo, *ob. cit.*, pág. 12.

(49). — Paz y Melia, *ob. cit.*, em a nota 17, e Domínguez Berrueta, *ob. cit.*, pág. 12.

a los derechos que a mí o a mis herederos pudiera corresponder sobre los bienes douados... (50).

Os bens de Suero de Quiñones, ao morrer o primogênito que os herdou, passaram para Diego, segundo filho de Suero e Comendador da Ordem de São Tiago, que os possuiu. Ao morrer Diego, reclamou-os o filho de Pedro de Quiñones, também chamado Diego, conde de Luna (51).

*

Digam que fueron burla las justas de Suero de Quiñones (52), diz Dom Quixote, buscando na realidade histórica amparo para suas empresas cavaleirescas. Os romances de cavalaria são, pois, no pensamento de Dom Quixote, a demonstração sincera e palpante de uma realidade que conduziu, em épocas precedentes, aos mais inestimáveis esforços em prol da aventura e da luta pela sem-razão. Suero de Quiñones foi um desses cavaleiros que deram vida na realidade a um desses múltiplos episódios da cavalaria novelística, a um passo da fantasia no método e organização das justas. O torneio levado a cabo por Suero de Quiñones, *el más grande y disparatado que ha habido en la historia*, na opinião de um historiador estrangeiro da literatura espanhola (53), é o reflexo vivo das aspirações de uma época, e sua descrição, a ata minuciosa legada à posteridade pelo notário Pero Rodríguez de Lena, interessa mais como documento humano e histórico, ao mesmo tempo que nos manifesta como

los extravagantes episodios de las novelas de caballerías tuvieron representación real en la vida (54).

O próprio compilador dos cansativos e desalinhavados períodos de Rodríguez de Lena, o frade franciscano Juan de Pineda (55), sente as façanhas do *Paso Honroso* como

(50). — V. notas 28 e 37.

(51). — V. nota 37.

(52). — *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*, I, cap. XLIX.

(53). — Fitzmaurice-Kelly, *Historia de la Literatura Española desde los orígenes hasta el año 1900*. Trad. de Adolfo Bonilla y San Martín. Madri, 1900, págs. 155 e ss.

(54). — Fitzmaurice-Kelly, *ob. cit.*, pág. 156.

(55). — Frei Juan de Pineda nasceu em Medina del Campo, entre 1515 e 1517, ingressando na Ordem de São Francisco. Durante sua vida dedicou-se intensamente à leitura das obras sagradas e profanas, afirmando alguns biógrafos que conhecia diretamente todos os livros escritos até seu tempo. Observando apenas uma das suas obras, *La Monarquía eclesiástica o Historia Universal del Mundo*, Saragoça, 1574, vê-se que êle cita mais de 1000 autores diferentes, diretamente. Morreu em 1597. Entre suas obras merecem ser citadas uma *Vida de San Juan Bautista*, Salamanca 1574, e o texto mais divulgado do *Paso Honroso*. Mas a sua obra mais importante é *Los treinta y cinco diálogos familiares de la Agricultura cristiana*, Salamanca. 1589. E' um escritor de rica linguagem castelhana, de léxico abundante, embora falte fluidez à sua sintaxe.

la cosa mas cauallerosa y cõ mayor verdad escripta por escriuanos publicos que presentes auian estado y por darse a estimar la honra y nobleza cauallerosa en el y por estimarse la valentia de los hijos Datgo tan necesaria en los Reynos que en grãdes partidas se podria hallar y que semejante manera de hazer armas con censura tan rigurosa (56).

Frei Juan de Pineda, ao compilar e publicar as atas do notário Rodríguez de Lena, não visa senão a um fim ético-social: que os cavaleiros do seu tempo deixem de ler coisas fictícias das cavalarias

y escriptas cõ gran rigor de verdad (57),

e contemplem na realidade dos tempos pretéritos as verdadeiras cavalarias e façanhas dos nobres daquele tempo. Frei Juan de Pineda aspirava, com a publicação do *Libro del Honroso*, a dar um golpe de misericórdia, por assim dizer, na leitura dos romances de cavalaria, golpe que só 17 anos mais tarde conseguiria dar Miguel de Cervantes Saavedra. Era necessário o gênio incomparável de Cervantes para que com outro romance se esquecessem de vez os fingidos e desproporcionados episódios da cavalaria andante. Não bastava a publicação de uma crônica, como o fez Frei Juan de Pineda.

Uma nota de Amador de los Ríos, em sua *Historia Crítica de la Literatura Española* (58), sugeriu-nos a idéia de ventilar um pouco êste pequeno e delicado rincão da História e da Literatura Espanhola, investigando os fatos reais e sua significação posterior. Foi Amador de los Ríos, na nota citada, quem examinou pela primeira vez, embora muito ligeiramente, o manuscrito do *Paso Honroso de Suero de Quiñones*, guardado na Biblioteca do Escorial, ainda inédito, afirmando, erroneamente, que, se não é o original de que se serviu Frei Juan de Pineda para a sua refundição, é, pelo menos, ou

puede tenerse por copia autorizada por los mismos jueces del campo, Pero Barba y Gómez Arias, cuyas firmas aparecen al final, certificando de su autenticidad y del número de foyas de que el ms. se compone (59).

Examinando detidamente o manuscrito, podemos observar claramente o êrro em que incorre o sábio investigador de nossa His-

(56). — Frei Juan de Pineda, *Libro del Paso Honroso de Suero de Quiñones*. Salamanca, 1588. V. a *Licencia* impressa no comêço da obra.

(57). — Frei Juan de Pineda, *ob. cit.*: *Licencia*.

(58). — Amador de los Ríos, *Historia Crítica de la Literatura Española*, M. 1865. Tomo VI, pág. 238, nota 1.

(59). — Amador de los Ríos, *ob. cit.*, t. VI, pág. 238, nota 1.

tória Literária, ao datar o manuscrito citado mais ou menos na data em que se verificaram os fatos ali narrados, já que, segundo Amador de los Ríos, Pero Barba e Gómez Arias, juízes do Campo que foram, atestam com suas assinaturas, a autenticidade da narração. O fato de aparecerem as assinaturas destes dois juízes no manuscrito escurialense não significa outra coisa, como logo veremos, senão que o copista teria seguido o manuscrito original de Rodríguez de Lena, copiando as assinaturas que no fim o acompanham.

Werner Mulertt, em nota publicada no *Boletín de la Biblioteca de Menéndez Pelayo* (60), trata de localizar a data do manuscrito do Escorial do *Passo Honroso*, pela cópia manuscrita, que no mesmo se contém, de uma carta que a 3 de janeiro de 1516 o rei Dom Fernando, o Católico, dirigiu à viúva de Dom Gonzalo Fernández de Córdoba, escrita em Trujillo. Essa carta, afirma Mulertt,

parece haber sido impresa por primera vez em "Breve parte de las hazañas del excelente nombrado Gran Capitán" por Hernán Pérez del Pulgar (61).

Assevera Mulertt que a inserção dessa carta no famoso manuscrito pode conduzir-nos a descobrir sua data, embora — acrescenta —

la intercalación de la carta es completamente inorgánica y puede ser la consecuencia de una mera casualidad (62).

O Pe. Julián Zarco Cuevas, em seu *Catálogo de los manuscritos castellanos de la Real Biblioteca del Escorial* (63), descreve o manuscrito do *Passo Honroso* objeto de nossa investigação. Examinamos detidamente esse manuscrito, comprovamos a veracidade da descrição que do mesmo faz o Pe. Zarco. O manuscrito do *Passo* tem hoje as siglas *f. II. 19*. A sigla antiga era *III. — 21, e ij, c. 24*. Consta de 184 fôlhas de papel, numeradas a tinta com algarismos arábigos. Mais duas fôlhas no começo, uma com os sumários e sigla, outra em branco, e cinco no fim, em branco. Também em branco os fólhos 65 e 66, 77, 78, 79 e 89. A letra do manuscrito é do século XVI, itálica, em fôlha inteira, até o fólho 67 inclusive, e os

-
- (60). — Werner Mulertt, *La fecha del manuscrito Escorialense del "Paso Honroso"*. *Boletín de la Biblioteca de Menéndez Pelayo*. Número extraordinário dedicado a D. Miguel Artigas. Vol. II, pág. 242.
- (61). — Hernán Pérez del Pulgar, *Breve parte de las hazañas del excelente nombrado Gran Capitán*. J. Cromberger, Sevilha, janeiro 1527. Reimpressa pela Nova Biblioteca de Autores Espanhóis, Madri, 1908, pág. 556.
- (62). — Werner Mulertt, *ob. cit.*, BBMP, t. II, pág. 243.
- (63). — P. Julián Zarco Cuevas, *Catálogo de los manuscritos de la Real Biblioteca del Escorial*, três tomos: I (a.I.8 — H.III.29), II (I.I.2 — X.III.4), III (Y.I.1 — Z.IV.28), 1924, 1926, 1929.

fólios 81 a 89, ambos inclusive. Isto não foi percebido pelo Pe. Zarco, na descrição do manuscrito. Do fólio 67 em diante a letra é de um segundo copista, também do século XVI, letra itálica, mas influenciada pela letra *cortesã*, usada nos princípios do século XVI. Mas, acêrca destas duas mãos na cópia do manuscrito, falaremos mais adiante, amplamente. Prossigamos na descrição do manuscrito escurialense. Filigrana: mão com flor fora. Caixa total: 287 x 202 mm. Encadernado pela Biblioteca do Escorial, na opinião do Pe. Zarco. Cortes dourados. Corte: "19. *Defesa del Passo. 24*". O número 3.^o é citado no Inventário da Biblioteca do Escorial de 1576, n.^o 300 — o que, como veremos, faz supor esta data como tope da cópia do manuscrito. Das duas fôlhas sem numeração do comêço, a dos sumários diz:

- 1.^o *Habla del obispo de Calahorra dō Pedro Gōçalez de Mendoza a algunos grandes de Castilla en fauor del Rey dō Henrriq el quarto.*
- 2.^o *Desafio entre el Rey dō Herdo. el catholico y el Rey D. Alonso el quinto de Portugal. Carta del Rey D. Fernando a la Duquesa de Terranova consolándola de la muerte de su marido el Gran Capitan, fol. 7.*
- 3.^o *Defensa del paso q defendió Suero de Quiñones, escripta por Pedro Rodriguez de Lena notario.*

A 2.^a epígrafe, onde começa *Carta del Rey D. Fernando*... acha-se intercalada entre linhas, percebendo-se, por êste fato, que tal carta não ia formar parte do conteúdo total do manuscrito, mas que, mandada copiar, e uma vez começada a cópia, teve o escrivão que transcrever a epígrafe intercalando-a no sumário já feito. Isto demonstra a afirmação um pouco gratuita de Mulertt, de que a carta de Fernando, o Católico, teria caído incidentalmente em mãos do copista, que a teria inserido, possivelmente porque vivia em familiaridade com a casa do Grande Capitão, ou também porque recebeu alguma ordem especial (64).

O discurso do Bispo de Calahorra ocupa no manuscrito o fólio 1 a-b. O desafio enviado por Fernando o Católico ao rei Dom Afonso V de Portugal, enche os fólios 1 b — 3 b. Êste cartel de desafio, embora com grandes variantes, já se encontra na *Crónica* de Pulgar, e em extrato se contém na *Divina Retribución*, do Bacharel Palma, como também observou o Pe. Zarco (65). O *Libro del Passo Honroso* ocupa os fólios 3b. a 184a. O Pe. Zarco observa que êste manuscrito nunca foi publicado integralmente. A carta de Dom Fernando à duquesa de Terranova está inserta no fólio 7a-b.

(64). — Werner Mulertt, *ob. cit.*

(65). — P. Julián Zarco Cuevas, *ob. cit.*

Examinando, pois, detidamente, o manuscrito escurialense, chega-se à conclusão, coincidindo nisto com o Pe. Zarco e posteriormente com Werner Mullertt, que a letra dêle corresponde exatamente ao século XVI, o que fica completamente atestado pela inclusão da carta de Dom Fernando, o Católico, à duquesa de Terranova, escrita por mão idêntica à que escreveu o resto do manuscrito, isto é, pela primeira mão do manuscrito. E como o manuscrito figura, como vimos, no inventário redigido pela Biblioteca do Escorial em 1576, tendo em conta a data de 1527, em que Pulgar imprime essa carta, possivelmente impressa na sua *Crónica* pela primeira vez, chega-se à conclusão de que a cópia dêste manuscrito pode datar-se entre os anos de 1527, ou pouco antes, e 1576. Cotejando, por outro lado, a carta impressa por Pulgar com a inserta no manuscrito, notam-se diferenças entre ambas, o que indica que possivelmente a carta copiada pelo escrivão do manuscrito escurialense não seja cópia da impressa por Pulgar, e sim cópia direta do original de Fernando o Católico, e isto nos levaria a datar o manuscrito alguns anos antes de 1527, ou melhor, entre 1516, em que se redigiu a carta pela primeira vez, e 1527, em que Pulgar a publica na sua *Breve parte de las hazañas del excelente nombrado Gran Capitán*. Frei Juan de Pineda não nos indica de que manuscrito se serviu para a compilação do *Passo Honroso*, que publicou em Salamanca em 1588. Se nos houvesse deixado notícia da fonte de que se serviu, poderíamos ver um pouco mais longe neste problema.

Werner Mullertt indica a existência de outro manuscrito do *Passo Honroso* na Biblioteca de Menéndez Pelayo. Mas, já antes, em 1783, o erudito Flores, ao publicar o *Libro del Passo Honroso de Suero de Quiñones*, juntamente com o *Seguro de Tordesillas*, como apêndice à *Crónica de don Alvaro de Luna* (66), escreve no prólogo que

no se ha podido adquirir noticia del Archivo o Biblioteca en que existe el testimonio original de aquellas diligencias. En el Monasterio de Monserrat de esta corte — continua — en que se custodian los preciosos mss. que dejó don Luis de Salazar, hay un códice que no es otra cosa, con muy poca diferencia, que una copia del compendio que ordenó Fray Juan de Pineda. No se ha creído

(66). — “Libro del Passo Honroso, defendido por el excelente Caballero Suero de Quiñones. Copilado de un libro antiguo de mano por fray Juan de Pineda, Religioso de la Orden de San Francisco. Segunda edición. En Madrid: en la imprenta de D. Antonio Sancha, Año de M.DCC.LXXXIII. Se hallará en su Librería de la Aduana vieja”; figura, como já vimos, juntamente com o *Seguro de Tordesillas*, como apêndice à *Crónica de don Alvaro de Luna*. A edição de Sancha é uma reprodução exata da compilação de Pineda; daí o designá-la como “segunda edição”.

de mucha importancia notar las variantes que resultam, cotejándole con el impreso (67).

Jenaro Alenda y Mira (68), examinando de passagem algumas inexactidões do Pe. Pineda com relação aos fatos históricos do *Paso Honroso*, tais como se acham no manuscrito escurialense, escreve que

es de sentir, a pesar del mérito relativo del trabajo del Pe. Pineda, que no se haya hecho hasta ahora una impresión crítica de la relación de tan famoso hecho, reproduciendo por completo, bien la copia del siglo XVI de El Escorial, bien otro ms. que se conservaba en la librería Monserrate de Madrid (R-225), hoy quizá en la colección Salazar (Academia de la Historia), pues sabido es que la impresión hecha por Flores es el mismo texto del Pe. Pineda.

Alenda y Mira supõe, portanto, que êste manuscrito da Coleção Salazar, que esteve na Biblioteca de Monserrat de Madrí, hoje guardado na Academia de História, é uma cópia incorreta do manuscrito do Escorial, ao passo que, como vimos, é cópia, com pequenas variantes, da compilação feita por Frei Juan de Pineda. Mulertt, por outro lado, fala-nos da existência de um manuscrito na Biblioteca de Menéndez Pelayo. Lamentamos não termos tido ocasião, ainda, de investigar de perto em tôrno dêstes dois manuscritos da Academia de História e da Biblioteca de Menéndez Pelayo, se é que ainda hoje existem, ou se conservam ainda nesses lugares. E' projeto nosso publicar, algum dia, uma edição crítica do *Libro del Passo Honroso*, o que nos levará a êsses manuscritos, cortejando-os com o manuscrito do Escorial, que consideramos mais completo, a julgar pelo que de antemão já sabemos, isto é, que o manuscrito da Academia de História é cópia da compilação do Pe. Pineda. Pois bem, aventurando uma hipótese, será o mesmo manuscrito o que em 1903 diz Alenda estar de posse da Academia de História, e o que em 1932 afirma Mulertt estar na Biblioteca de Menéndez Pelayo? Sentimos estar redigindo o presente trabalho, tendo o oceano entre nós e as fontes diretas de informação na Espanha, não podendo comprovar hoje, pessoalmente, esta particularidades. Sabemos, por outro lado, que na Biblioteca Nacional de Madrí existe outro manuscrito, Ff-141, que contém parte do *Libro del Passo Hon-*

-
- (67). — Mariano Domínguez Berrueta, *ob. cit.*, se contradiz no que se refere a êste ponto dos manuscritos. Escreve à pág 28: "Se advierte que el padre Pineda procuró con esmero, utilizando este manuscrito, el que se conservaba en Monserrat, de Madrid..." e na pág. 29: "De la relación del escribano Lena había en el Monasterio de Monserrat de Madrid una copia igual a la de Fr. Pineda".
- (68). — Jenaro Alenda y Mira, *Relaciones de solemnidades y fiestas publicas de España*. Madrí, 1903. Dois volumes. O que se refere às festas do Passo Honroso ocupa as páginas 1-11 do vol. I.

roso; e que pertence, segundo Alenda y Mira, ao século XV, possivelmente redigido pouco depois de haverem ocorrido os fatos que narra. Este manuscrito em fólio, com cinco folhas de papel ceuti, em duas colunas, é uma breve memória do *Passo*, da qual nenhum copista posterior se serviu para compilar os acontecimentos do *Passo*. Este manuscrito oferece o interesse particularíssimo de que, a julgar pelo sistema de escrita, o caráter da letra, a absoluta carência de pontuação, e a sintaxe desordenada e confusa, deve ter sido escrito pouco depois da aventura cavaleiresca, senão nos mesmos dias, tornando-se logo a base para que o notário Rodríguez de Lena ordenasse os fatos, confrontando-os com suas próprias observações diretas, e os explanasse (69). O problema agora gira em torno de saber que manuscrito serviu de fonte para a compilação de Frei Juan de Pineda, o que até agora se desconhece. Já vimos que o manuscrito da coleção Salazar é uma cópia da compilação feita pelo Pe. Pineda, o que suprime um possível candidato. O manuscrito que Mulertt afirma estar na Biblioteca de Menéndez Pelayo, aventuramo-nos a crer que seja o mesmo da Biblioteca da Academia de História. A não ser assim, algum dia poderemos cotejar estes fatos. O Pe. Pineda refundiu um manuscrito que êle considerava original, abreviando e mudando o tom da redação do escritor. Na *Licencia* impressa na primeira página do *Libro del Passo Honroso* compilado por Frei Juan de Pineda afirma-se:

Por quãto por parte de vos Fray Iuan de Pineda nos ha sido fecha relación, dizendo que vos auidades hallado vn auto antiquissimo de mano y mal tratado que se intitulaua libro del Passo honroso, que Suero de Quiñones auia defendido a la Puente de Orbigo, en el año de mil y quatrocientos y treynta y quatro...

E, mais adiante:

...en la qualificación dellas no se leya en ningun linaje de historias que supiessedes por esso le auidades abbreviado con toda fidelidad y dirigido algunas cosas confusas para que los caualleros de nuestro tiẽpo hallasen vna buena muestra de los de aquel... (70).

Do que se diz nesta *Licencia* se deduz que o manuscrito de que se serviu o Pe. Pineda não é o que existe na Biblioteca do Escorial, e sim algum outro desconhecido, aparentado com o mesmo, seguramente anterior, ou o manuscrito original de Rodríguez

(69). — Contém este manuscrito a petição que Suero de Quiñones apresenta a João II para realizar sua empresa, as condições dela, divididas em 22 capítulos, e as cartas trocadas entre Suero e dois cavaleiros catalães, Rembán de Corvera e Franci Desvalles, que se ofereceram para apresentar-se na liça na qualidade de aventureiros.

(70). — Frei Juan de Pineda, *ob. cit.*, V. nota 9.

de Lena, pois o que se conserva no Escorial está bem conservado, não é *antiquísimo*, nem está *maltratado de mano*. Por outro lado, comparando as diferenças que existem entre o texto do Pe. Pineda e o manuscrito escorialense, percebe-se que êste último não poder ser o livro de que se utilizou o Pe. Pineda para sua compilação. Passemos a estudar o *Libro del Passo Honroso de Suero de Quiñones* nas suas duas obras mais importantes até o momento: o manuscrito do Escorial, cópia certamente direta do original de Rodríguez de Lena, e a refundição feita por Frei Juan de Pineda. Antes, porém, vamos ver quem era êste Pero Rodríguez de Lena.

A única fonte de informação sôbre a personalidade de Pero Rodríguez de Lena é a proporcionada pelo manuscrito da Biblioteca do Escorial. Na primeira fôlha, sem numeração, lê-se:

Defensa del paso q defendio Suero de Quiñones, escripta por Pedro Rodriguez de Lena notario.

Êste manuscrito começa com um desalinhado e monótono prólogo do notário de Lena, prólogo que Frei Juan de Pineda suprimiu na sua compilação do *Libro*, revelando são juízo estético e amplo critério. Em continuação, no fôlho 8 verso, e em parte do fôlho 9, lê-se:

Este es el libro que yo Pedro Rodriguez de Lena, notaryo de nuestro señor el Rey y su notario público en la su corte y en todos los sus reynos, que para lo yusso scripto llamado e rogado fuy por el principal caueça y caudillo de lo siguiente, cometedor e fazedor del ante nombrado escriui y screvir fize de los fechos de Armas que passaron en el passo que el generoso de magnanimo corazon, forçado de gran virtud, honorable cauallero Suero de Quiñones, hijo del muy famoso, discreto, prudente, generoso cauallero Diego Fernández de Quiñones, merino mayor de sturias... (71).

Esta minuciosidade na descrição, que observamos no manuscrito escorialense, faz-nos pensar que se êste manuscrito não foi o original, como já ficou provado, foi, pelo menos, uma cópia leal dêle, como o prova, por outro lado, o mesmo pormenor que enganou a Amador de los Ríos, que são as razões que estão no fim da obra:

Capitulo que fabla de cómo los juezes que fueron de aquel campo e paso fizieron fe que era todo verdad todo lo contenido en este libro e historia e por eso lo firmaron.

(71). — A cópia manuscrita do Mosteiro do Escorial carece de pontuação. Na medida do possível, se bem que não tôdas as vêzes, pontuamos e desfazemos algumas abreviaturas.

E após o juramento de que os fatos narrados estão de conformidade com a realidade, vem a assinatura e rubrica dos dois juizes, Pero Barba e Gómez Arias, assinatura que vemos reproduzida no manuscrito do Escorial. Isto, como vimos, foi o que enganou a Amador de los Ríos, fazendo-o crer que as assinaturas eram verdadeiras e que a cópia era dos anos seguintes àquêles em que se realizaram as justas (72). Até aqui, pois, é o que sabemos de Pedro Rodríguez de Lena: que era notário do Rei e da sua Côrte, o que não é muito, nem interessa, se se tem em conta que êle não foi o único autor da obra, isto é, da descrição das famosas justas. O próprio Rodríguez de Lena, que deve ter agido como supervisor, como diríamos em linguagem moderna, e que daria o tom geral da obra, pondo-lhe um prólogo, o confessa repetidamente:

digo que por alguno o algunos que autor o autores se digan de la presente obra, non faciendo mincion de mi que con ellos o con él parcionero fui en los trabajos del screvir de todas las armas fechas durante el honoroso e famoso paso... (73).

E mais adiante:

Diga el autor como puede ser e assi si el sobredicho autor de los famosos fechos de armas ya nombrado, por colorar e apostar su libro que con ayuda de algunos fizo, se raçona con fortuna, de vn cabo loando e de otro maraullándose so aquella correction por mi ya dicha (74).

Ainda há mais. No fólio 30 escreve Rodríguez de Lena:

Las quales cosas e razones de suso declaradas, leydas e notificadas ante los honrados juezes, luego el muy alto,

(72). — “Como nosotros, Pero Barba e Gómez Arias, caualleros e juezes disputados e señalados para aquel paso e campo ya antes desto nombrados, según en la historia deste libro en muchas partes della habíamos sido nombrados e hayamos seido por nuestras personas e visto todos los fechos de armas e autos que en aquel paso e campo se fizieron, fazemos fe que es verdad todo lo contenido en este libro e historia del fecho de las armas e auctos e arengas e debates e presentaciones e otras cosas asaz que en él son escriptas, según más largamente por la historia del es recontado. El qual libro e historia va escrito en ciento e treynta fojas, de pliego entero de papel pequeño, con esta en que van puestos nuestros nombres propios e en fim de cada plana del va señalado de la rúbrica de los ya dichos nuestros nombres. Es así mesmo por más certificación de verdad todo lo contenido en él, va sellado el dicho libro e historia del sello de Portugal, Rey de armas antes desto nombrado, que así mesmo con nosotros presente fué a ver todos los fechos de las armas e auctos e debates e embajadas que en aquel paso se fizieron, e en este libro e historia son escriptos en Jas ya nombradas ciento e treinta fojas del, el qual sello va encajado en cera verde, e de dentro la figura del, en cera colorada, e está colgado en filis de seda así mesmo verde e colorada, e por ende firmamos aquí nuestros propios nombres, como de suso es recontado: Pero Barba e Gómez Arias” — Manuscrito do Paso Honoroso, do Escorial. Fólio 184.

(73). — Fólio 11 do manuscrito do Escorial.

(74). — Fólio 13, *id.*, *id.*

ardido, virtuoso caullero capitan mayor del paso Suero de Quiñones, porque sus capitulos más evidente[mente] fuesen uistos e entendidos, los mandó todos leer ante los honrados juezes e de los presentes, generosos caulleros Almirante e otros de suso nombrados, los quales en alta voz fueron leydos por mi, el autor del presente libro, por quanto el auctor Alfon Gomes los non supo leer libre e sueltamente segun combenia, e por evitar prolixidad non son aquí scriptos por quanto serán vistos ante [s] desto en el principio deste libro...

Mais adiante, no fólio 75, lê-se:

E fizo emendar el autor esto que suso está scripto sobre raido o dice: peto del piastrón e falsólo con el volante de las platas, e tocó en el peto dellas, por quanto este encuentro él mismo lo vió dar e fué yerro del scribano.

E' evidente, pois, que Pedro Rodríguez de Lena foi o notário que deu fé de todos os sucessos, minuciosamente registrados por escritvães da Côrte ou da Casa dos Quiñones. Lena daria sua aprovação à narrativa dos autores ou escritores, no sentido etimológico do vocábulo; acrescentaria e emendaria erros, e escreveria o prólogo de que fizemos menção mais atrás. O estilo da prosa de Rodríguez de Lena é fatigante; está cheia de redundâncias, de repetições, à maneira das atas notariais da época. Os epítetos, sobretudo quando se referem ao capitão do Paso, emparelham-se, multiplicam-se, chegando às vêzes a passar de quatro a seis seguidos. E' uma sintaxe própria de notário. Do ponto de vista literário, o *Libro del Passo Honroso* quase não tem nenhum valor. Por isso a leitura do manuscrito é pesada. E' mais interessante como documento histórico e pelos fatos que narra, como uma curiosidade da época, do que como obra de valor literário. Do ponto de vista da linguagem, pois, o manuscrito do Escorial não apresenta outros atrativos senão os da sua sintaxe. Vamos transcrever, para que o leitor perceba isto, um trecho característico:

Escogida, labrada e carreada la dicha madera

fala dos preparativos para a celebração das justas

La fizieron descargar cerca de la Puente de Orbigo, entre la Puente de la casa que dicen del Hospital de Sant Ioan, a la siniestra mano de como va el público camino francés desde Leon a Santiago, en una floresta que está rendida del camino francés fasta cinquenta pasos en vista de todo el camino francés e cerca de dos ríos que en rededor de ella corrian por todas partes, que allá non podían entrar sinon por el agua o por las puentes e pasaje, de encima de la qual e del un cabo de la floresta

que se hace cerca del camino francés están dos molinos, cercanos al camino francés, adelante, mas adentro, contra la floresta, estaba un molino. La qual asi traida e descargada e labrada por asaz de carpinteros e maestros venidos para el mesmo fecho e obra de mandamiento del virtuoso honrado cauallero Suero de Quiñones... (75).

Observe-se o número de vèzes que em poucas linhas o escrivão do *Paso* repete a expressão *camino francés*. A expressão é pobre, e se vemos que às vèzes se utiliza de hipérbato, é mais por ignorância do sentido ou da construção lógica da frase do que pelo desêjo de fazer literatura. Vem a talho de foice especificar aqui o trabalho realizado por Frei Juan de Pineda ao compilar o *Libro*. A obra foi publicada em Salamanca, em 1588, com o título:

Libro del/ Passo Hon-/ roso defen-/ dido por el excelente ca-/ uallero Suero de Quiñones./ Copilado de vn libro antiguo de mano por F. Iuan de/ Pineda Religioso de la Orden de S. Francisco./ Y Dirigido a Don Manrique de Lara, Conde de/ Valencia, Virey y Capitan general/ de Cataluña./ Con licencia, en Salamanca,/ En casa de Cornelio Bonardo./ Año M.D.LXXXVIII.

E' um tomo em 8.º, de VI-142 fólhos. No verso do título do livro lê-se a Licença real concedida para sua impressão, assinada em Madri, a 2 de agôsto de 1588. Em continuação da Licença, que ocupa um fólho e meio, vem a dedicatória do autor: *A Don Manrique de Lara, Conde de Valencia, Virey y Capitan general de Cataluña*. A seguir, e antes de começar o *Libro del Passo Honroso*, Frei Juan de Pineda transcreve alguns parágrafos da *Crónica de Juan II*, em que se fala da história do *Paso Honroso* de Suero de Quiñones. E' curioso citar o que esta *Crónica* refere do feito, para compará-lo com a história do notário Rodríguez de Lena. No capítulo 240 dessa *Crónica* lemos:

En este tiëpo tuño vn Passo Suero de Quiñones hijo segundo de Diego Hernandez de Quiñones Merino Mayor de Asturias, cerca de la puente de Orbigo con doze caualleros e gentiles hõbres en esta guisa: que a qualquier cauallero o gentil hombre que por aquel camino passasse, harian con el tantas carreras por liça en arneses de seguir, e fierros amolados a punta de diamante, hasta ser rôpidas por vno de los tres lâças. E Suero de Quiñones dio a todos los caualleros e gentiles hombres que en este passo quisieron hazer armas, armas y lanças, y fierros yguales de los suyos, y les hazia a todos la ex-

pensa, tãto que alli quisieron estar. Al qual passo vinieron algunos Estrangeros, y muchos Castellanos, entre los quales murió un cauallero Aleman de un encuentro por la vista que le dio Suero de Quiñones que este passo mantuu. E fueron en él feridos algunos ansi de los caualleros que tenian el passo, como de los que a él vinieron y entre todos estos caualleros los q más diestros anduieron, fueron Suero de Quiñones; y Lope de Estuñiga y Diego de Baçan, los quales fueron los que mas caualleros libraron de los que a este Passo vinieron. Esto dize aquella historia (76).

Frei Juan de Pineda, que possivelmente teve ocasião de ler e examinar e refundir o manuscrito original de Rodríguez de Lena, dá-se conta de que os fatos mencionados na *Crónica de Juan II* não são todos certos: *No todo lo aqui dicho* — acrescenta numa nota à margem Frei Juan de Pineda —

es como aqui se dize, como se prueba cõ nuestro libro del Passo Honroso: porque aquel Historiador no lo vio, como lo vio el nuestro.

E, com efeito, o cronista de Dom João II não devia estar muito a par dos fatos históricos verdadeiros, ou não teria lido a relação de Rodríguez de Lena. O cronista situa, por outro lado, em 1433 as justas das margens do Orbigo, em vez de 1434, em que realmente sucederam, como o expressa a Licença de impressão do compêndio de Pineda, e como repetidamente o indica Rodríguez de Lena, advertindo que foi ano de Jubileu,

por quanto el dia del bendito Apostol cayó este año en Domingo que fue a veinte y cinco de Julio, y asi se verificó en el de 1434, porque fué S su letra dominical.

Embora na ordem numérica concorde o capítulo 240 da *Crónica de Juan II* com a da edição de Logroño (77), não acontece o mesmo com o contexto. Na passagem copiada lemos:

E Suero de Quiñones dio a todos los caualleros o gentiles hombres que en este passo quisieron hazer armas, armas y lanças, y fierros yguales a los suyos;

e na *Crónica* impressa:

E Suero de Quiñones a todos los Caballeros e Gentiles Hombres que en este Paso quisieron hacer armas, les daba caballos, e armas, e lanzas, e fierros iguales de los suyos.

(76). — *Crónica de don Juan II*, Ed. de Logroño.

(77). — *Crónica de don Juan II*. V. referência em a nota 19.

No fragmento lê-se:

murio un cauallero Alemán de un encuentro por la vista que le dió Suero de Quiñones que este Paso mantuu:

e na Crônica:

que murió un Caballero Alemán de un encuentro por la vista que le dió Suero de Quiñones el pequeño primo de este Suero de Quiñones que este paso mantuvo.

O erudito Flores, que nota esta diferença e a observa na edição que fêz do *Paso Honroso* em 1783, assinala dois aspectos: um, que

Aunque ya estaba hecha la impresión de la Crónica, el fragmento se copió de algún exemplar ms.;

outro, que

éste se escribió antes de las adiciones y alteraciones que se introducieron en ella.

Não sabemos de onde teria Frei Juan de Pineda tomado o fragmento que transcreve no começo da sua obra: seguramente de algum exemplar manuscrito dos primeiros, nos quais ainda se observavam bastantes erros. O autor ou escrivão da *Crónica de Juan II* não estava bem a par, pois, dos pormenores daquele *Paso*, porque, do contrário, não se explicaria o situar a ação em 1433, nem o dizer, igualmente, que os companheiros que defenderam o *Paso* com Suero de Quiñones eram doze, em lugar dos nove que sabemos, cujos nomes podemos encontrar no fólho 180 e ss. do manuscrito do Escorial, e no 140 e ss. da compilação de Pineda. Outro ponto em que erra a *Crónica* é o seguinte: não se combinou que as carreiras a serem dadas pelos cavaleiros haviam de ser *hasta ser rompidas por uno de los tres lanzas*. Era necessário apenas que se rompessem três lanças, mas não por um mesmo, por um só cavaleiro, como se observa no terceiro capítulo das condições do *Passo* (78).

Sabemos que o cavaleiro que morreu no *Paso* não era alemão, como reza a *Crónica*, e sim aragonês, chamado Esberte de Claramonte, cujo nome e pátria se declaram no capítulo LXIII da compilação de Pineda, e no fólho 139 do manuscrito do Escorial. Também sabemos que quem o feriu não foi Suero de Qui-

(78). — Fólho 16a. do manuscrito do Escorial.

ñones, que este passo mantuvo, e sim outro Suero, filho de Alvar Gómez de Quiñones, o qual ainda não tinha convalecido de uma ferida anterior, segundo consta nos lugares citados. Devemos fazer notar, por nos parecer de importância, que no manuscrito escorialense somente se escreve, sobre o fato, o seguinte:

Capitulo que fabla de cómo en este dia llegó al Passo a fazer las armas devisadas el sin ventura Esberte de Claramante, el qual allí murió según por la historia que adelante es escrita vos será devisado./ En este ya nombrado sábado llegó al campo e liça a fazer las armas devisadas en los capitulos ya nombrados un gentilhome, el qual se llamó por su nombre Esberte de Claramonte, del reyno de Cataluña, e llegó delante los juezes e fizo aquel omenaje e solepnidad que devia, e asi mesmo los juezes a él, según se acostumbraua fazer a todos los otros caualleros e gentileshomes que aquel Passo venian a fazer armas, e tomándole la espuela (e) pusieronla en el cadahálso de los juezes en el paño francés segun más cumplidamente antes desto es dicho (79).

Aqui a relação do manuscrito escorialense não segue adiante. Fica truncada. Nada nos diz da luta de Esberte de Claramonte, nem sequer quem foi seu inimigo. Para nos inteirarmos de tudo quanto deve ter acontecido, é preciso recorrer à compilação de Frei Juan de Pineda. Esta é a prova mais concludente de que o Pe. Pineda não seguiu o manuscrito escorialense, e sim outra fonte mais completa. Precisamos deter-nos agora para fazer uma observação importante.

No fólio 1.º do manuscrito do Escorial, figura uma nota marginal, incompleta, escrita posteriormente à cópia do manuscrito de outro punho, na qual ninguém havia reparado até o presente. A nosso ver, esta nota não podia ter sido escrita, seja pelo encadernador dos cadernos, seja por quem redigiu o inventário da Biblioteca do Escorial em 1576. A nota é muito importante; é a primeira apreciação crítica do manuscrito que existe. Vamos dá-la o mais exatamente possível, por ser de leitura difícil. Está assim redigida:

cosa saluo en el estylo y palabras, todo lo que está de la letra destas primeras hojas, en que est faltó lo restante deste libro, es del un autor, e lo otro del otro; quando se hallare códice comp. de la letra de las hojas que no van de la letra primera será bien que se comp [are] la dellas, porque es el escriptor de la otra más succinto y bueno y este es muy prolixo.

Com efeito, o manuscrito está escrito por uma só mão até o fólho 64 inclusive. Depois vêm em branco os fólhos 65 e 66. Mas a mesma ação continua no fólho 67, sem interrupção, embora de mão diferente. A seguir, mais adiante, estão em branco os fólhos 77, 78 e 79, em que interrompe a descrição dos fatos. No original se descreveriam aqui os combates entre Juan de Suto e Sancho de Ranaval, Diego de Mansilla e Lope de Aller, e Rodrigo de Olloa contra Lope de Aller novamente. Em compensação, estes duelos se encontram na compilação de Frei Juan de Pineda. Fica assim provado que o Pe. Pineda deve ter seguido, necessariamente, outro manuscrito, que certamente seria o original, ou a cópia da primeira parte do manuscrito escorialense com a continuação, que logo se extraviou. O fólho 80 tem a letra do segundo copista. Mas no fólho 81, até o 88 inclusive, intercala-se novamente a letra do primeiro copista. O fólho 89, em branco, descreveria o duelo entre Pedro de Bazán e Lope de Mendoza.

Voltando à nota marginal do manuscrito escorialense notamos, como diz a nota, que o autor da segunda mão não se preocupa com minúcias. Os dois escrivães seguiriam, sem dúvida alguma, a cópia original de Rodríguez de Lena, também seguida por Frei Juan de Pineda. Detendo-nos no que afirma o Pe. Pineda, que o manuscrito que êle compilou era defeituoso, *antiquíssimo e maltratado de mano*, encontramos aqui a explicação das lacunas do segundo copista, que, ao contrário do Pe. Pineda, teria passado por alto tôdas as linhas defeituosas do original, sem ter o cuidado de lê-las ou de interpretar o que pudesse ler. Achando-se inacabada a cópia, que o primeiro copista começou, do manuscrito escorialense, continuou-a o segundo copista, até completá-la, seja por ordem de algum nobre afeiçoado à história, e a quem êle servisse, seja por ordem de algum mosteiro ou convento, de que fôsse escrivão. Êste segundo copista, considerando a descrição de Rodríguez de Lena fatigante, monótona, cheia de minúcias sem valor, de juízos alheios aos fatos, tende a ser sucinto, a dar os fatos simples, tais como aconteceram, sem se deter em considerações de autor; faz separações e distinções de capítulos, colocando epígrafes no começo dêles. Trata-se, pois, em resumo, de dois autores com critérios de cópia diferente. Tudo isto comprova, afirmamos mais uma vez, que Frei Juan de Pineda nunca soube da existência dêste manuscrito, tal como hoje o encontramos na Biblioteca do Escorial, já que, do contrário, assinalaria esta particularidade dos dois copistas. Pineda seguiria, pois, o manuscrito original, de Rodríguez de Lena, o mesmo em que aparecem de seu punho e letras as assinaturas de Pero Barba e de Gómez Arias.

Que critério seguiu Frei Juan de Pineda na compilação do manuscrito de Rodríguez de Lena? Êle tende à simplificação. Fixa-

se unicamente nos fatos históricos, alheando-se das considerações de autor, que com freqüência as faz Rodríguez de Lena. Em primeiro lugar, suprimiu o desalinhavado prólogo com que Rodríguez de Lena começa o trabalho. Ao Pe. Pineda não interessam, também, os detalhes acêrca da personalidade do notário Lena, que se acham neste prólogo. Vai diretamente aos acontecimentos das justas, e narra-os em forma de crônica imparcial e sucinta. Vejamos como Frei Pineda leva a cabo sua compilação. Vamos colocar em duas colunas um trecho do manuscrito do Escorial e o trecho correspondente da compilação do Pe. Pineda. E' preciso pensar, para estabelecer bem a norma, que o manuscrito do Escorial, da mão do primeiro copista, é cópia do manuscrito original perdido de Rodríguez de Lena. Eis os dois trechos de que fizemos menção, para que sejam comparados:

...de los cuales honorables [y] generosos Lope de Stúñiga e Diego de Vaçan e Pedro de Naua e Suero hijo de Alvar Gomez e Sancho e Diego e Pedro de los deseosos de ser en tan honroso fecho, con ençendido mouimiento que en sus animosos corazones doblemente causo, lo vno pensamiento de rason e lo otro desseo de voluntad e pensamiento de mando querer desseo, fizo fazer las cosas de fecho, acatando que rason sea señora e guardadora delante, e que el desseo obedezca, a razón que si la voluntad, que naturalmente es sometida a rason, non le es obediente, faze turbar el cuerpo e el corazón, e porque la obra de començamiento fasta fin del home es voluntad del más ábito, que es cosa myguda en el corazon del home sino al començamiento; por ende cada uno destes nueue caualleros e gentiles homes como mejor pudo pidió rogando e suppdo al sobredicho virtuoso Suero de Quiñones que consigu los recibiese e tomar quisiesen por parçioneros de la muy honorosa e muy famosa empresa por él pensada e declarada e demandada e a él otorgada para deliberar en el sobredi-

Los cuales nueue caualleros e gentiles homes venian con el generoso y virtuoso; Suero de Quiñones, muy deseosos de ser en tan honroso fecho, con encendido mouimiento que en sus animosos corazones doblemente causo, lo vno pensamiento de rason, y el otro deseo de voluntad: e este les fizo fazer las cosas de fecho, acatando que la rason sea señora, e guardadora delante, e que el deseo obedezca. Por ende cada vno destes nueue honorables caualleros e gentiles homes como mejor pudo pidió rogando e suplicando al sobredicho virtuoso Suero de Quiñones que consigo los recibiese, e tomar quisiese por parçioneros de la honrosa e muy famosa empresa por él pensada, e daclarada, e demandada, e a él otorgada: para deliberar en el sobredicho passo según la ordenança de sus capitulos por él para esto fechos e pensados, e declarados, e de su mandado notificados por las más partes del vniuerso mundo, que la nuestra sancta fe Catholica, e cree. Los cuales después de la petition por él presentada al muy alto, excellentissimo nuestro señor Rey de Castilla, que adelante em su lugar serán escritos, el sobredicho Suero de Quiñones considerando

cho paso según la ordenança de sus capitulos sobre esto fecho, por él pensados, ordenados, declarados de su mandado, notificados por las más partes de todo el vniuerso mundo, que la nuestra sancta fee catholica tiene e cree, en los quales después de la peticion por él presentada al muy alto excelentissimo señor rey de Castilla que adelante en su lugar seran scriptos el sobrecho Suero de Quiñones, capitán caullero virtuoso, oyendo, recibiendo sus ruegos e peticiones por cada uno dellos a él fecho acatando quienes e quales eran en el linaje de cada uno dellos venian e dezendian assi mesmo por él pensado y en todas las obras qualesquier que sean son mejor gouernados con consejo, assimismo como todos más acatan e atienden a la fin el principio como todos obran por gracia de la fin, por tal della veré cómo ciertamente la fin es bien de antes deseado, e como alabança e merito nos es de juzgar

al principio, maguer sea mayor partida, saluo sólo a la fin, acatando como la prudencia no especulan ni acatan los comienços de las cosas, mas a la fin e salida dellos, por razon que el cumplimiento merece el salario de la alabança e titulo de gloria e honrra e no los comienços, e como el día no es scrito del comienço mas de la fin de las cosas a la honrra. Todo esto por él considerado y acatado, y visto los ofrecimientos y ruegos a él fechos por los sobredichos nueue caualleros e gentiles homes, con todo puro amor y codicia de honor durable, que tan voluntariosamente disponian sus personas y vida a todo peligro que en armas venir les pudiese; deseando ser con él en su deliberacion guardadores, defensores, trabajadores, especulando que eran tales que por sus industrias y merçimientos su pensado e comenzado fecho obiese medio en buena fin e conclusion, porque a él e a ellos para siempre fuese honorosa e durable gloria famosa. Los recibió en compañía e en vno consigo defensores del honrrado paso e quien pudiese alcançar e escrebir tan fermoso e retirado los fechos siguientes... Lo qual yo indigno por falta de entendimiento muy temeroso comienço screvir, pero por quanto los antiguos dixeron quel comenzamiento es la mayor partida de la cosa e porque después de buen comenzamiento se sigue buena fin... E porque assi a mi como particionero que con él fui que con mi mano todos los fechos de armas durante el dicho fa-

los ruegos de todos ellos que cō codicia de honor durable tan voluntariosamēte ofrecian sus personas a todo peligro que en armas venir les pudiesse: los recibió por compañeros, para defender el Honroso Passo con licencia del señor Rey Don Iuan el Segundo, escrita en su real cedula. E yo el sobredicho escruiano fuy con el mesmo Suero de Quiñones presente a todos estos fechos, e los escreui de mi mano delante los honorables e discretos caualleros, virtuosos antiguos, Pero Barua, y Gomez Arias de Quiñones, que elegidos fuerō para juezes de los fechos conuenientes para deliberacion de aquel Honrado Passo: con otras personas que continuamente estuieron presentes para ver e mirar e testimoniar, e dar verdadera de los caualleros fechos de armas que en el durante Passo acaecieron (80).

moso paso screvi, delante de los honorables, discretos, caualleros virtuosos antiguos Pero Barba e Gomez Arias de Quiñones... (81).

A compilação de Frei Juan de Pineda, que segue fielmente, em geral, o original na descrição dos acontecimentos do *Paso*, tem às vêzes algumas inexatidões, que provam o que afirma a *Licencia*, isto é, que o manuscrito que êle compilou era antiqüíssimo e defeituoso. Depois da leitura, por Suero de Quiñones, dos 22 capítulos ou condições do *Paso*, e ao final do seu arazoado dirigido aos juizes, o Pe. Pineda faz Suero de Quiñones acrescentar estas palavras:

Lo dicho se entienda salvando dos cosas: que vuestra Magestad real no ha de entrar en estas pruebas, ni el muy magnífico señor Condestable Don Alvaro de Luna. (82).

Êste acréscimo de Frei Juan de Pineda possivelmente foi motivado por finalidades éticas, como que dando a entender que a seriedade do assunto, dentro do capricho de um cortesão, não exige distrair o Rei, nem o Condestável, dos graves assuntos da governança. No manuscrito do Escorial se diz:

Este susodicho, muy virtuoso señor, se entienda salvando dos cosas: vra.magca. señoria non yendo en guerra o el muy magco. señor Condestable cujo yoste vra. magca. Real non enojando, lo qual yo non puedo pensar saluo que con mi libertad seré alegre (83).

Foram estas exceções que enganaram a Amador de los Ríos, e o obrigaram a chamar a atenção do leitor para elas, pondo tais palavras em cursivo. O original dizia, como vimos, coisas muito diferentes, e sôbre elas está de acôrdo a cópia do manuscrito do Escorial.

Algumas outras inexatidões observamos no compêndio do Pe. Pineda, como dizer, por exemplo, que o marco que Suero de Quiñones mandou construir para indicar aos aventureiros o caminho do *Paso* era de pedra (84), quando no manuscrito consta que era:

(81). — Fólhos 10 a 14, inclusive, do manuscrito do Escorial .

(82). — Frei Juan de Pineda, *ob. cit.*, cap. IV, fólho 6.

(83). — Fólho 15 do manuscrito do Escorial.

(84). — Frei Juan de Pineda, *ob. cit.*, cap. IX, fólho 14a.

de madeira, e construído ou talhado por artista leonês conhecido (85).

Também não está de acôrdo a soma das carreiras e lanças rotas do extrato de Pineda com a da cópia do Escorial (86). Mas, por outro lado, Frei Juan de Pineda nos dá notícias, no final do livro, do que aconteceu a Suero de Quiñones e aos seus nove companheiros quando terminadas as justas, o que não se encontra na cópia escorialense (87). Ele inclui a carta de desafio que a Suero de Quiñones e a Lope de Estúñiga enviaram os cavaleiros cata-

-
- (85). — “E ya acabada de fazer la dicha liza e cadahalso en la manera declarada, el muy honrado e virtuoso caballero Suero de Quiñones, envió mandar fazer en la ciudad de Leon, un faraute de madera, el qual entalló e fizo e pintó e debujó del tamaño de un home el sutil maestro Nicolao Francés, que pintó el rico retablo de la honrada iglesia de Sancta Maria de Regla, de la noble ciudad de León; muy bien pareciente con su balandrán morado, trepado e farpado a la usada manera que al presente las ropas facían, e las mangas retornadas por cerrar del codo, y de yuso su faction de jubón de vellud colorado, e al cuello tenía su fierro de la deuusa ya dicha, e della colgado su scudo de armas de Quiñones, y encima de la cabeza tenía un sombrero prieto fecho a muy buena guisa, en el qual tenía una vuelta en que estaban escritas unas letras que decían: “Ver ay a mi faraute”. E tenía sus piernas muy bien tajadas con calzas de grana coloradas, e sus zapatos prietos, todo muy bien fecho, e assi su balandrán muy gracioso ceñido e vestido con una que propiamente parecía correa prieta, su vuelta dada al derredor de la fevuilla muy sutil, fecha del mesmo madero, e la mano siniestra con buena continencia, puesta en el costado, e la mano derecha tendida derecho por do iba el camino francés, en la qual tenía un mote de letras que decían: “Por ahí van al Paso”. Fólío 21 do manuscrito do Escorial.
- (86). — “Solos estos y por esta orden conquistarō al honroso Passo cōbatiendo peligrosamente con los diez mätenedores, y llegan las carreras que corrieron a setezientas e veynte e siete, mas las lanças que se rōpieron no son más de ciento y sesenta e seys, de manera que faltaron para las trezientas que se auian de rōper, si ouiera tiempo y conquistadores, ciento y treynta y quatro”. Frei Juan de Pineda, *ob. cit.* Fim, nota no final da enumeração dos cavaleiros defensores e aventureiros do Passo. “Assi que son todos los caualleros e gentiles homes q. aquel passo vinieron a fazer las armas e las fizieron según la hystoria ya antes desto en este libro vas ha deuisado, LXIX, e asi ellos como los defensores del ya nombrado passo rrompieron de todas las trezientas lãzas antes desto en este libro nombradas, con algunas que contaron los juezes quando alguno era ferido, aunque non rompía más de vna, pues non podía más armas fazer/ por tres CLXXVIII lanças, asi que quedaron por romper de las CCC ya nombradas CXXII”. Fólío 183, v. do manuscrito do Escorial.
- (87). — Frei Juan de Pineda, *ob. cit.*, fólíos 134 e ss.: “Otro día miércoles de mañana partieron de allí, e fueron a oyr missa al deuoto monasterio de S. Maria de Carrizo, e dende allí fueron jantar a Montejos: e llegando a la ciudad de León, fueron recibidos muy honradamente de todos los caualleros y personas de estado que eran en la ciudad: y los metieron por la puerta que dizen de Rua nueua, lleuando delante tocando sus trompetas e menestres altos con los menestres que de la ciudad se les juntarō...”, “...caminaron a los palacios del discreto e famoso cauallero Diego Fernández de Quiñones, padre de Suero de Quiñones, que son en el barrio de Palaz de Rey: donde todos fueron muy bien recibidos e seruidos de quanto los fug menester...”, “...El noble cauallero Suero de Quiñones con sus nueue caualleros y con otros muchos caualleros, e con los dos juezes del honroso Passo estuieron en León fasta celebrar la fiesta de nuestra Señora de Agosto, e ay dió Suero de Quiñones assaz de joyas de plata y ropas, y de otras cosas de precio, ansi a los sus honorables nueue compañeros, como a otros gentiles homes, e al Rey de armas dió parte de su baxilla...”, “... De León se partió para Laguna, Villa del Páramo de Astorga donde estaban su padre y madre Diego Fernández de Quiñones y Doña Maria de Toledo. E desdeque allí estuuo fasta sanar de su ferida, fuese en romería derecho a Compostela al Apostol Santiago...”.

lães João e Pero Fabla, irmãos (88), mas não a resposta de Suero, a qual, nas suas duas primeiras linhas, podemos ler na cópia do Escorial, no fólio 184 verso e último. E Frei Juan de Pineda termina a relação do *Passo Honroso* com as seguintes palavras de sua autoria:

Hasta este punto y passo hallé en aquel libro copilado por el sobredicho escriuano real Pero Rodriguez Delena, escripto en letra antigua y vieja, y muchas cosas dichas con mucha escuridad para este tiempo, y otras mal ordenadas y confusas: las quales aclaré conforme al tenor de las cosas que se van diciendo, sin dexar auentura ninguna por dezir, ni poner yo de mi casa fuera de lo contenido en el libro (89): qualificando los fechos de armas con las mesmas palabras del original antiguo, a vezes en su estilo y a vezes en el mio, y a vezes mezclándolos ambos, y señaladamente usando de sus antiguas palabras que importan autoridad, y dā gusto a la lección (90).

O *Libro del Passo Honroso de Suero de Quiñones* trata, pois, de um assunto histórico, absolutamente histórico, atestado, como temos visto, não só pelas crônicas da época, senão também por uma relação minuciosa dêle, feita por um notário do Rei, enviado especial, como diríamos na terminologia jornalística moderna, da Casa dos Quiñones junto a estas justas. O historiador Zurita, nos seus *Anales de la Corona de Aragón* (Saragoça, 1562-1580), recolhe os acontecimentos do *Paso* como autênticos.

Suero de Quiñones, de 25 anos, cavaleiro enamorado, cumpre a promessa de usar, tôdas as quintas-feiras do ano, uma grossa cadeia de ferro ao pescoço, como sinal de cativo amoroso. Para liberar-se dessa promessa, êle se compromete a defender um *paso honroso*, com nove companheiros de armas, *hijos dalgo*, e de *limpia sangre*. Estes cavaleiros foram: Lope de Estúñiga (91), Diego de Bazán (92), Pedro de Nava (93), Alvaro Suero Gómez (94),

(88). — Entre os parágrafos transcritos na nota anterior, inclui-se a carta de desafio mencionada, que não copiamos para evitar o cansaço do leitor.

(89). — Já tivemos ocasião de comprovar que às vezes o Pe. Pineda toma a liberdade de acrescentar ou emendar parágrafos, embora sem abusar dessa posição.

(90). — Frei Juan de Pineda, *ob. cit.*, fólio 138.

(91). — “Fijo del muy famoso e honorable cauallero Mariscal que fué Iñigo de Stúñiga, nieto del muy ilustre y magnífico Don Carlos Rey que fué de Navarra”. Pe. Pineda, fólio 2a.

(92). — “Fijo del honrado e famoso cauallero Pero Ruys de Baçán”. Pe. Pineda, fólio 3.

(93). — “Fijo del honrado e famoso cauallero Mossén Suero de Naua, armado que fué del Rey don Hernando de Aragón”. *id.*, *id.*

(94). — “Fijo del honrado Aluar Gómez de Quiñones”. *id.*, *id.*

Sancho de Ravanal (95), Lope de Aller (96), Diego de Benavides (97), Pedro de los Ríos (98), e Gómez de Villacorta (99).

Por ende, cada vno destos nueue honorables caualleros e gentiles homes como mejor pudo pidió rogando e suplicando al sobredicho virtuoso Suero de Quiñones que consigo los recibiese, e tomar quisiesse por parcioneros de la honrosa e muy famosa empresa por él pensada, e declarada, e demandada, e a él otorgada (100).

João II concede licença a Suero de Quiñones para a celebração das justas. A primeiro de janeiro, sexta-feira, 1434, estando a côrte em Medina del Campo, celebravam-se as festas do Ano Novo em Palácio. Suero, com seus nove cavaleiros, aproxima-se do Monarca para solicitar-lhe esta licença, que o Rei outorga. Suero, então, mostra públicamente os capítulos ou condições do Paso (101). A seguir, Suero de Quiñones,

por más su fecho aclarar e certificar, dio vna letra suya a Leon rey de armas del poderoso señor Rey de Castilla,

na qual escreve que, estando em prisão há tempo de uma se-hora, e combinando seu resgate em 300 lanças

rompidas por el hasta; e como sin ayuda de caualleros que conmigo e con mis ayudadores justen non pueda llegar a efeto mi rescate: vos les ofrecereys mis ruegos, pidiéndoles por gentileza, o por amor de sus señoras, les plega venir en mi socorro...

(95). — "Fijo del honrado Iuan Arias de Rauanal". *id., id.*

(96). — "Pariente de Suero de Quiñones". *id., id.*

(97). — "Nieto del honrado cauallero Gonçalo Alfonso de Venauides". *id., id.*

(98). — "Criado del muy honorable, famoso, generoso, don Fadrique Almirante de Castilla, e sobrinho del muy famoso Mariscal Diego Fernández de Cordoua señor de Vaena". *id., id.*

(99). — "Sobrino del honrado e famoso cauallero Luys de Almança, señor de Alcañizes", *di., id.*

(100). — Frei Juan de Pineda, *ob cit.*, fólho 3 v.

(101). — "El primero es, que todos os caualleros e gentiles homes a cuya noticia verná el presente fecho en armas, les sea manifesto que yo seré con nueue caualleros que comigo serán en la deliberación de la dicha mi prisión y empresa, en el passo cerca de la puente de Orbigo arredrado algún tanto del camino, quinze dias antes de la fiesta de Sanctiago, fasta quinze dias después, si antes deste tiempo mi rescate no fuere cumplido: el qual es trezientas lanças rompidas por el hasta, con fierros fuertes en arneses de guerra, sin escudo, nin tarja, nin más de vna dobladura sobre cada pieça.

"El segundo es, que allí fallarán todos los caualleros estrangeros, arneses, cauallos, y lanças, sin ninguna ventaja, nin mejoría de mi, nin de los caualleros que conmigo serán: e quien sus armas quisiere traer, podrá lo fazer.

"El tercero es, que correrán con cada vno de los caualleros e gentiles homes que ay vinieron, tres lanças rompidas por el hasta: contando por rrompida la que derribare cauallero, o fiziere sangre.

"El quarto es, que qualquiera señora de honor que por allí passare, o a media legua dende, que si lleuare cauallero que por ella haga las armas ya deuisadas: pierda el guante de la mano derecha.

Suero escolhe o lugar onde se realizarão as justas, a seis léguas da cidade de Leão, às margens do Orbigo, no caminho que os peregrinos franceses costumavam tomar na sua peregrinação a Santiago de Compostela. Gómez Moreno, no seu *Catálogo Monumental de España*, assim descreve o local do Paso:

“Entre todos los puentes de la provincia de León, es el más célebre por el recuerde de Suero de Quiñones; además supera a cuantos conozco en aspecto de antigüedad, aunque ella no sea verdaderamente mucha. Lo más antiguo son cuatro enormes arcos, agudo y arranque de otro, casi iguales entre si, con afilados tajamares y hechos de sillería, con marcas que parecen datar del siglo XIII; recuerda el puente de Zamora; nótese además, que va formando corcova, como el de Villarente, quizá por dificultades en cimentar las pilas, o por movimientos que ellas sufriesen antes de cargalas. Hacia el Este se agregan dos arcos modernos; al otro lado siguen dos más pequeños, y su pila medianera taladrada por otra de curva aguda. A continuación hay uno renovado y dos casi ciegos bajo la arena, quedando aún otra sección moderna de puente con varios arcos mal hechos”.

Até a data marcada pela celebração das justas, Suero de Quiñones dedica-se a munir-se de armas, de cavalos e de todo o necessário para a sustentação do Paso, o qual se realiza de 11 de julho a 9 de agosto de 1434 (102). O dia 11 de julho dêsse ano cai num domingo. Depois de ouvirem missa Suero e seus nove companheiros, iniciam-se as justas, inauguradas por Suero de Quiñones e Micer Arnaldo da Floresta Vermelha, cavaleiro alemão (103). A partir daqui, rompem-se por todos os cavaleiros defensores e aventureiros 178 lanças, e não 166 como diz o Pe. Pineda. São, no total, 68 aventureiros e 10 defensores, ficando por quebrar, das 300 lan-

“El quinto es, que si dos caualleros o más vinieron por saluar el guante de alguna señora, será recebido por el primero.

“El sexto es, que porque algunos no aman verdaderamente, a querrian saluar el guante de más de vna señora: que no lo puedan hazer, después que se ouieron rompido con él las tres lanças.

“El septimo es, que por mi serán nombradas tres señoras deste reyno a los farautes que allí conmigo serán, para dar fe de lo que passare, e asse-

(102). — Na *Historia de la Literatura Española*, de Juan Hurtado y Angel Palencia, 5a. ed., Madri 1943, se dá errada a data da realização do Passo, dizendo que se celebrou em 1439. Pág. 212.

(103). — Frei Juan de Pineda, *ob. cit.*, fólío 17 v.: Suero de Quiñones salió en vn caualllo fuerte con paramentos azules bordados de la deuisa y fierro de su famosa empresa: y encima de cada deuisa estauan bordadas vnas letras que dezían: il fau deliberer: y él lleuaua vestido un falso pero de azeituni vellud vellotado verde brocado, con una vça de brocados azeituni vellud vellotado azul. Sus calças eran de grana Italianas, y vna caperuça alta de grana, con espuelas de rodete Italianas, ricas doradas; en la mano vna espada de armas desnuda. Lleuaua en el braço derecho cerca de los morzillos su empresa de oro ricamente obrada tan ancha como dos dedos, con letras azules al redor que dezían; “Si a vous ne plait de ouyr mesure, Certes ie dy/ Que ie fuy/ Sans venture”:...”.

ças estipuladas por Suero, 122, tudo em mais de 730 carreiras. De todos os combates só se lamentou a morte de um cavaleiro (104), não tendo sido possível obter para êle sepultura em lugar sagrado, apesar dos esforços de Suero de Quiñones, em virtude do caráter temerário daquela justa.

Durante a descrição das carreiras, e nos intervalos delas, dão-se de vez em quando detalhes curiosos, que mostram a psicologia e o caráter dos homens daquelas épocas. Assim, quando o cavaleiro aragonês Mosén Francés Davio faz voto solene a Deus de que jamais amará mais a freira alguma,

porque hasta allí había amado a vna, por cuya contemplación auia venido a fazer aquellas armas; y que qualquiera que supiesse que él amaua a monja, le pudiesse retar por malo, sin que él le pudiesse responder en ningún lugar.

A isto acrescenta Frei Juan de Pineda, possivelmente de sua autoria, já que no manuscrito escorialense não consta (figura com a letra do segundo copista que, como sabemos, sempre evita as considerações de autor):

Al qual digo yo que si él tuiera alguna nobleza de Christiano, o siquiera la verguença natural con que todos procuran encubrir sus faltas: no pregonara un sacrilegio tan escândaloso, y tan en dehonra del estado monachal, y tan injurioso para Iesu Christo (105).

Este acréscimo não deixa dúvida de que é do compilador. Frei Juan de Pineda é frade, e não podia passar por aqui sem mostrar o verdadeiro caminho e apontar com o dedo a falta do cavaleiro aragonês.

A celebração do Paso foi, durante um mês, um pesado embaraço para os peregrinos devotos que acorriam a Santiago de Compostela. Para Santiago rumavam muitos cavaleiros, nobres, aventureiros; para êstes, a liça levantada no meio do caminho francês

guro que non será nombrada la señora cuyo yo soy, saluo por sus grandes virtudes, e al primero cauallero que viniere a saluar por armas el guante de qualquiera dellas contra mi, le daré vn diamante.

“El octauo es, que porque tantos podrán pedir las armas de vno de nos, o de dos que guardamos el Passo, que sus personas no bastarian a tanto trabajo, o que si bastassen no quedaria lugar a los otros sus compañeros para fazer armas, sepan todos que ninguno ha de pedir a ninguno, nin ha de saber con quien justa, fasta las armas complidas: mas al tanto estarán ciertos que se hallarán con cauallero, o gentil home de todas armas sin reproche.

“El noso es, que si alguno (no empeciente lo dicho) después de las tres lanças rompidas quisiere requerir a algunos de los del Passo, señaladamente embie lo a dezier, que si el tiempo lo sufiere romperá con él otra lança.

“El dezeno es, que si algún cauallero o gentil home de los que a justar

(104). — V. mais acima.

(105). — Frei Juan de Pineda, *ob. cit.*, cap XXV. Fólho 43.

era um desafio. Por outro lado, estava estipulado que tôdas as damas que por ali passassem teriam de deixar uma luva, que ficaria presa até que algum dos cavaleiros que as acompanhassem, ou algum dos da liça, se oferecesse para resgatar a luva. Isto deu lugar a episódios curiosos, que tornam a descrição do notário Lena um pouco mais variada. Para as damas, deixar a luva era uma ofensa; e foi o que aconteceu a Dona Inés Alvarez de Biedma, cujo marido, que a acompanhava, se negou a pelejar para resgatar a luva da espôsa; e a Dona Leonor de la Vega, a quem o mesmo aconteceu com seu marido Dom Juan de la Vega, que disse *non venir preparado para se prouar en aquella aventura*, e agradeceu a Mosén Davio, por se ter oferecido para lutar pela luva de Dona Leonor. Tudo isto provocou as queixas dos peregrinos, o que motivou o oferecimento do aventureiro Dom Lope de Sorga, que a 26 de julho se propôs a resgatar tôdas as luvas das damas que por ali passassem, e mandou colocar na ponte do Orbigo e na cidade de Astorga um aviso, que transcrevemos por julgá-lo um modêlo de cortesia e de galanteria para com as damas:

Como las dueñas e señoras generosas de virtud con su digno merecimiento trayan homeniles a su servicio loable, sepan todas las mundanas generaciones que vn gentil home de renombre e de armas, auida consideración del agrauio que reciben las dignas de preeminencia q. por la indignidad se serles vedado ningún camino ni passo que plaziente de proseguir les sea, mayormente los honrosos e pelegrinos passages, como es el de la puente de Orbigo peligroso a las honradas dueñas por la pérdida de sus guantes, si non dan cauallero sin reproche de batalla: yo ponedor de las presentes letras auiedo pesante y consideroso estudio sobre tanta graveza fecha a las dueñas valerosas de quien se procede amor con todos sus gloriosos vinculos, o atamientos de amistad, de liberé de fazer mi fe sufragánea con homenaje que pongo, e do según puedo, e abasta limpieza de fidalguía que non cessará por falta de cauallero se fecho seguro el ya

vinieren, quisiere quitar alguna pieça del arnés, de las que por mi son nombradas para correr las dichas lanças, o alguna dellas, embienmelo a dezir, y ser le ha respondido de gracia, si la razón y el tiempo lo sufriere.

"El onzeno es, que con ningún cauallero que ay viniere serán fechas armas: si primero non dize quien es y de donde.

"El dozeno es, que si algún cauallero haziendo las dichas armas incurriere en algún daño de su persona, o salud (como suele acontecer en los juegos de armas) yo le daré allí recaudo para ser curado: también como para mi persona, por todo el tiempo necessario y por más.

"El trezeno es, que si alguno de los caualleros que conmigo se prouaren, o con mis compañeros, nos fizieron ventaja: yo les asseguro a fe de cauallero que nunca los será demandado por nosotros, nin por nuestros parientes o amigos.

"El catorzeno es, que qualquiera cauallero o gentil home que fuere camino derecho de la sancta Romería, no acostándose al dicho lugar del Passo por mi defendido: se podrá yr sin contraste alguno de mi, nin de mis compañeros a complir su viage.

contenido passo a todas las venientes dueñas que sus caminos por aquel lugar quisieren endereçar. El qual assí fazedor de armas por la libertad de sus quantes fallará allí do serã apremiadas sus manos merecedoras de obediencia en defension favorable suya: por testamento firme de la qual verdad, por non tener sello al presente de mis armas con la cierta autoridad de su sello, acostumbreado, sello la contenida letra en el puente de Orbigo a veynte y seys de Julio año de jubileo, e del Señor de mil y quatrocientos e treynta y quatro años (106).

O *Libro del Passo Honroso*, que, em fins de conta, desde o aspecto literário, é obra monótona, de vez em quando contém, como vimos, episódios curiosos, que atraem por momentos a atenção do leitor. Quando terminaram as carreiras, e se levantou o campo, ou liça, os juizes declararam livre da sua prisão amorosa a Suero de Quiñones. Com isto termina a história, e Suero fica livre da corrente no pescoço.

E' escassa a bibliografia em tórno do *Passo Honroso*. Resume-se a pequenos folhetos e artigos jornalísticos de importância regional. A maioria destes artigos foram publicados em Leão, provincia onde se realizaram as justas, e foram escritos com fins comemorativos.

Dom Nicolás Antonio (107) trasladou diminuindo o título do opúsculo de Pineda, dando-lhe esta epígrafe: *El Paso Honroso de*

"El quizenno es, que qualquiera cauallero que dexado el camino derecho, viniere al Passo defendido por mi guardado, non se podrá de ay partir sin fazer las armas dichas, o dexar vna arma de las que lleuare, y la espuela derecha: so fe de jama traher aquella arma o espuela, hasta que se vea en fecho de armas tan peligroso o más que este en que la dexa.

"El sextodécimo es, que qualquier cauallero o gentil home de los que conmigo estarán, matare cauallero a qualquiera que allí viniere a hazer armas, que yo se le pagaré: y si ellos mataren cauallo a qualquiera de nos, bastele la fealdad del encuestro por paga.

"El dizisieteno es, que qualquier cauallero o gentil home de los que armas fizieren, encontrare a cauallo, si el que corriere con él le encontrare poco o mucho en el arnés que se cuente la lança deste por rompida, por la fealdad del encuentro del que al cauallo encontrare.

"El deziocheno es, que si algún cauallero o gentil home de los que a fazer armas viniere, después de la vna lança o de las dos rompidas por su voluntad non quisiere fazer más armas: que pierda el arma, o la espuela derecha, como si non quisiesse fazer ninguna.

"El decimonono es, que allí se darán lanças y fierros sin ventaja a todos los reynos que lleuaren armas y cauалlos para fazer las dichas armas: e non podrá fazer con las suyas, en caso que las lleuen, por quitar la ventaja.

-
- (106). — *Id., id.*, cap. LVII. Fólio 101. — Este cavaleiro, Dom Lope de Sorgia, tinha rogado a Pedro de Quiñones que lhe obtivesse de seu irmão Suero a graça de fazê-lo um dos seus companheiros defensores do Passo, o que lhe foi outorgado. Mas, não chegando a tempo às justas, por ter-se-lhe quebrado uma perna, Suero teve que escolher outro companheiro de armas. Quando Dom Lope chegou ao local das justas, pediu a Suero de Quiñones que cumprisse a palavra de fazê-lo defensor. Suero, que tinha consigo os nove companheiros, prometeu-lhe unicamente que passaria a fazer parte deles se alguém caísse ferido ou morresse. Dom Lope, então, pede que se lhe conceda ao menos a graça de salvar as luvas de todas as damas que por ali passassem, o que lhe foi concedido. Mas Dom Lope não achou nenhuma luva pela qual combatesse, e não pôde fazer as armas que desejava.
- (107). — *Bibliotheca hispana nova*. Roma, 1696.

fendido por Suero de Quiñones: Salmanticae in 8.º. Se houvesse tido presente todo o título e a licença para a impressão, “perceberia que Juan de Pineda, a quem só atribui o mérito de dá-lo a lume, teve também o de ter abreviado a obra original, corrigindo algumas coisas confusas, formando um epítome do qual se deve estimar por autor” (108).

Em 1902, A. Huntington publica em edição fac-similar a compilação de Frei Juan de Pineda, em Nova York. E’ de se notar que até hoje nunca se tenha pensado numa edição do *Libro del Passo Honroso*, estabelecendo como ponto de partida o manuscrito mais completo até agora encontrado, que é o do Escorial, publicando-o em duas colunas com a compilação do Pe. Pineda, fazendo comparações com os outros manuscritos. E’ nossa intenção levar a cabo essa tarefa, algum dia, quando estiverem em nossas mãos os manuscritos da Academia de História, e o que Mulertt afirma estar na Biblioteca de Menéndez Pelayo.

Para comemorar o V Centenário do *Paso Honroso* nas margens do Orbigo, Mariano Domínguez Berrueta publica em Leão seu livro *Paso honroso, defendido por Suero de Quiñones*, 1934. Esta pequena obra, mais que um tratado rigorosamente erudito, é um livro evocador. Domínguez Berrueta, cronista da cidade de Leão, homem amantíssimo de todos os acontecimentos históricos de que foi palco esta cidade e toda a província, publica um livro de 118 páginas, com o nobre fim de enaltecer seu hedói, Suero de Quiñones. Para isso, fala-nos primeiramente da cidade de Leão nos anos que precederam as justas, dos homens que nela viviam, o que faziam, etc. Logo, no centro dêste quadro, coloca a figura

“El veynteno es, si algún cauallero en la prueua fuere ferido en la primera lança, o en la segunda, tal que no pueda armas fazer por aquel día: que después no seamos tenudos a fazer armas con él, aunque las demande otro día.

“El veynte y vno es, que porque ningún cauallero o gentil home dexa de venir a la prueua del Passo con recato de que no se le guardara justicia conforme a su valor: allí estarán presentes dos caualleros antiguos e prouados en armas, e dignos de fe, e dos farantes que farán a los caualleros que a la prueua vernán, que juramento Apostólico e omenage les fagan de estar a todo lo que ellos les mandaren acerca de las dichas armas. E los sobredichos dos caualleros juezes e farantes, ygal juramento los farán de los guardar de engaño, e que juzgarán verdad según razón e derecho de armas. E si alguna duda de nuevo (allendo lo que yo en estos mis capitulos escriuo) acaciere, quede a discreción de aquellos juzgar sobre ello; porque non sea escondido el bien o ventaje que en las armas alguno fiziere: e los farantes que allí estarán darán signado a qualquiera que lo demandare, lo que con verdad cerca de ello hallaron auer sido fecho.

“El veyntidoseno capítulo de mi liberación es, que sea notorio a todas las señoras del mundo, e así a los caualleros e gentiles homes que los capítulos susodichos oyrán: que si la señora cuyo yo soy, passare por aquel lugar, que podrá yr segura su mano derecha de perder el guante, e que ningún cauallero nin gentil home fará por ella armas, sino yo: pues que en el mundo non ay quien tan verdaderamente las pueda fazer como yo”. F. 7v-11v. de Pineda.

do herói do *Paso*. E' obra, pois, de tipo geral, de divulgação, sem que seu autor se detenha a verificar rigorosamente os fatos. Daí o incorrer em freqüentes enganos. Falando da edição do *Libro del Passo Honroso* feita pelo Pe. Pineda, diz:

Se advierte que el Pe. Pineda procuró con esmero, utilizando este manuscrito

refere-se ao do Escorial,

el que se conservaba en Monserrat, de Madrid, cambiar el tono de redacción del escribano (109).

Como vimos mais acima, são dois manuscritos diversos: o do Escorial e o de Monserrat; êste último na coleção Salazar da Biblioteca da Academia de História. Noutro lugar, Domínguez Berrueta dá errada a data da edição de Sancha do *Libro del Paso Honroso*, dizendo que é de 1773, quando é, como vimos, de dez anos mais tarde. Mais adiante, Berrueta se contradiz, quando afirma que o Pe. Pineda utilizou o manuscrito de Monserrat para sua compilação, e logo, uma página adiante, torna a afirmar que

de la relación del escribano Lena había en el Monasterio de Monserrat de Madrid una copia igual a la del Pe. Pineda.

Sôbre isto já escrevemos atrás. Não obstante tudo isto, o livro de Domínguez Berrueta é interessante, sobretudo porque consegue captar o ambiente da época em que se desenrolam as justas, e evocar os momentos capitais delas, narrando a história em linguagem moderna e resumida.

Em 1892, também em Leão, Clemente Bravo havia publicado o *El Paso Honroso*, pequeno folheto em que o autor resume em linguagem comum, moderna, o livro do Pe. Pineda. Êste livro não tem outro interêsse senão o da divulgação das justas.

Modernamente, em 1943, Luís Alonso Luengo romanceia a vida de Suero de Quiñones (110), buscando e conseguindo documentar o mais possível os acontecimentos mais importantes da vida do nosso herói.

JULIO G. MOREJÓN
da Universidade de Salamanca.

(109). — Domínguez Berrueta, *ob. cit.*, pág. 28.

(110). — Luis Alonso Luengo, *Don Suero de Quiñones el del Paso Honroso*. Biblioteca Nueva. Madrid, 1943.